



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA (MESTRADO)
Linha de Pesquisa: Fenomenologia e Hermenêutica

**O NILISMO E A SUA SUPERAÇÃO PARA UMA TRANSVALORAÇÃO DOS
VALORES EM FRIEDRICH NIETZSCHE**

Mateus da Silva Fernandes

Orientadora: Dra. Maria Clara Cescato

JOÃO PESSOA - PB

2021

MATEUS DA SILVA FERNANDES

**O NIILISMO E A SUA SUPERAÇÃO PARA UMA TRANSVALORAÇÃO DOS
VALORES EM FRIEDRICH NIETZSCHE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia (PPGFIL), da Universidade Federal da Paraíba, em cumprimento aos requisitos necessário para a obtenção do título de Mestre em Filosofia, sob a orientação do Prof. Dra. Maria Clara Cescato.

JOÃO PESSOA – PB

2021



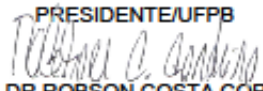
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

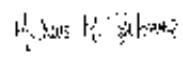
ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM FILOSOFIA DO(A) CANDIDATO(A) MATEUS DA SILVA FERNANDES

Aos trinta e um dias do mês de março de dois mil e vinte e um, às 14:00h, por videoconferência conforme Portaria 90 e 120/GR/Reitoria/UFPB; Comunicado 02/2020/PPRG/UFPB e Portaria 36/CAPES, reuniram-se os membros da Comissão Examinadora constituída para examinar a Dissertação de Mestrado do (a) mestrando (a) **Mateus da Silva Fernandes**, candidato ao grau de Mestre em Filosofia. A Banca foi constituída pelos professores: Dr^a Maria Clara Cescato (Presidente/UFPB), Dr. Robson Costa Cordeiro (Examinador interno/UFPB) e Dr. Matheus Maria Beltrame (Membro Externo/UFPB). Dando início à sessão, a Professora Dr^a Maria Clara Cescato, na qualidade de Presidente da Banca Examinadora, fez a apresentação dos demais membros e, em seguida, passou a palavra ao mestrando **Mateus da Silva Fernandes** para que fizesse oralmente a exposição de sua Dissertação, intitulada: **"O NILISMO E A SUA SUPERAÇÃO PARA UMA TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES EM FRIEDRICH NIETZSCHE"**. Após a exposição do candidato, o mesmo foi sucessivamente arguido por cada um dos membros da Banca. Terminadas as arguições, a Banca retirou-se para deliberar acerca da Dissertação apresentada. Após um breve intervalo, a Presidente, Prof^a Dr^a Maria Clara Cescato, comunicou que, de comum acordo com os demais membros da banca, proclamou **APROVADA** a dissertação **O NILISMO E A SUA SUPERAÇÃO PARA UMA TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES EM FRIEDRICH NIETZSCHE**, tendo declarado que seu autor **Mateus da Silva Fernandes** faz jus ao grau de Mestre em Filosofia, devendo a Universidade Federal da Paraíba, de acordo com Regimento Geral da Pós-Graduação, pronunciar-se no sentido da expedição do Diploma de Mestre em Filosofia. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a Sessão de Defesa, e eu, **Jessica Martins de Oliveira** Secretária do PPGF lavrei a presente Ata, que será assinada por mim e pelos demais membros da Banca. João Pessoa, 31 de março de 2021.

Jessica Martins de Oliveira
JESSICA MARTINS DE OLIVEIRA
SECRETÁRIA DO PPGF


PROF^a DR^a MARIA CLARA CESCATO
PRESIDENTE/UFPB


PROF. DR. ROBSON COSTA CORDEIRO
MEMBRO INTERNO/UFPB


PROF. DR. MATHEUS MARIA BELTRAME
MEMBRO EXTERNO/UFCG

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F363n Fernandes, Mateus da Silva.
O niilismo e a sua superação para uma transvaloração
dos valores em Friedrich Nietzsche / Mateus da Silva
Fernandes. - João Pessoa, 2021.
84 f.

Orientação: Maria Clara Cescato.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Niilismo. 2. Superação do niilismo. 3. Moral. 4.
Vontade de potência. 5. Transvaloração dos valores. I.
Cescato, Maria Clara. II. Título.

UFPB/BC CDU 165.721(043)

À Érika Pinheiro...

Agradecimentos

Primeiramente à minha mãe, meu pai, meu irmão e todos os meus familiares, que apesar de não compreenderem o conteúdo da minha pesquisa, sabe a importância que ele significa pra mim...

À minha namorada, Paula Oliveira, que passou a sonhar comigo essa etapa como parte de um grande sonho ainda mais significativo...

Aos meus amig@s que contribuíram significativamente para o meu crescimento acadêmico e, principalmente, humano, de maneira especial Nálison, Guthierry, Érika, Wécio e Thamires...

À minha orientadora, Maria Clara, que me acolheu como orientando e acompanhou com paciência e carinho a produção e organização do texto desta dissertação...

E a tod@s que direta ou indiretamente contribuíram com minha formação humana e acadêmica...

Uma verdadeira liberdade para o indivíduo só há na medida em que ele ainda não é arregimentado em uma sociedade completamente civilizada: nela, ele perde toda a posse de si, de seus bens, do que é *bom* para si (NIETZSCHE, *Frag. Póst.*, 1887-1889, (2012), p. 111, grifo do autor).

RESUMO

Resumo: o presente trabalho tem o objetivo de examinar a tese nietzschiana da superação do niilismo como etapa do processo de afirmação da vida que se dá pelo rompimento com a negação niilista dos valores e sua superação. Nesse itinerário, vamos examinar a resposta de Nietzsche ao problema da possibilidade de o niilismo ser, não apenas sintoma do enfraquecimento da potência sem a qual não é possível essa superação, mas também constitui parte desse processo que é ao mesmo tempo afirmação da arte através da vontade de potência. O campo dessa análise Nietzsche situa no âmbito da cultura e da moral no mundo ocidental. Com a finalidade de responder a essa questão, vamos utilizar os textos publicados em vida por Nietzsche bem como seus fragmentos póstumos, com destaque ao período de 1885 a 1889, como também contribuições acerca do pensamento nietzschiano encontradas em filósofos como Heidegger e Scarlett Marton, entre outras. As temáticas abordadas envolvem um vasto campo de discussão, como a cultura, a moral, a religião, e a ciência, na medida em que, discutindo os alicerces sobre os quais se erigem tais domínios, traçamos um itinerário que examina a desconstrução e constituição das bases do pensamento ocidental.

PALAVRAS-CHAVE: Moral. Niilismo. Superação do niilismo. Vontade de Potência. Transvaloração dos valores.

ABSTRACT

Abstract: This dissertation examines the Nietzschean thesis of the overcoming of nihilism as a stage in the process of affirmation of life, as a result of his refusal of the nihilist denial of values and his proposal of their overcoming. In this process, we are going to examine Nietzsche's response to the problem of the possibility of nihilism as being, not only a symptom of the weakening of the power without which this overcoming is not possible, but also as a part of this process, that is, as the affirmation, at the same time, of art through the will to power. The scope of this analysis is set by Nietzsche within the field of culture and morals in the Western World. In order to answer this question, we will resort to texts published by Nietzsche during his life, as well as to his posthumous fragments, especially those from 1885 to 1889, as well as contributions on Nietzschean thought of philosophers such as Heidegger and Scarlett Marton, among others. The topics to be examined involve a wide range of themes, such as culture, morals, religion, and science, insofar as, by investigating the foundations on which these domains are founded, we outline an itinerary that focus on the deconstruction and constitution of the foundations of Western thought.

KEYWORDS: Morals. Nihilism. Overcoming of nihilism. Will to power. Transvaluation of values.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1: NIILISMO E CRÍTICA AO OCIDENTE	15
1.1. NIILISMO: LÓGICA DA DISSOLUÇÃO INTERNA DOS VALORES	15
1.2. A NEGAÇÃO DE DEUS ENQUANTO VALOR SUPREMO DO MUNDO OCIDENTAL	41
CAPÍTULO 2: A SUPERAÇÃO DO NIILISMO E A TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES.....	54
2.1. O ETERNO RETONO COMO RESPOSTA AO PROBLEMA DA MORTE DE DEUS.....	54
2.2. A SUPERAÇÃO DO NIILISMO	62
2.3. A TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES.....	73
CONCLUSÃO.....	82
REFERÊNCIAS	85

INTRODUÇÃO

Em Nietzsche, sua obra, além de ser exteriorizada em textos, é também sua própria autobiografia. Essa é uma afirmação que o próprio Nietzsche faz em sua obra *Ecce Homo*, e que pode também ser encontrada no fragmento póstumo escrito no verão de 1886: “Meus escritos falam apenas de minhas próprias vivências [...]” (NIETZSCHE, *Frag. Póst.*, 1885-1887, (2013), p. 195).

A crítica de Nietzsche focaliza sobretudo as estruturas morais do mundo ocidental. Ele toma a história dos valores como campo de discussão em vista da elaboração do projeto de superação do ser humano e da transvaloração dos valores morais. Desse modo, o caráter à marteladas de sua filosofia é desenvolvido sob os termos de sua crítica do valor. Tal crítica se produz em contraponto ao valor erigido pelo mundo ocidental como parâmetro das valorações que constituem os sentidos e as metas para os seres humanos. É a partir de sua atividade genealógica que Nietzsche identifica o niilismo como parte constituinte das valorações do mundo, na medida em que tais avaliações resultam da mentalidade decadente que constitui o mundo ocidental.

O tema analisado nesta dissertação é o niilismo na filosofia de Nietzsche, um tema que ocupa um lugar de destaque, pois atravessa toda a história dos valores, sendo, ao mesmo tempo, constituinte das avaliações que criam os valores. Sua análise do niilismo é feita em três momentos: através de uma arqueologia, em que Nietzsche perscruta a história dos valores numa busca pela gênese do niilismo; em segundo lugar, numa sintomatologia, identificando como o niilismo atua nas avaliações axiológicas; e, por fim, nos efeitos do niilismo para o ser humano (GUERVÓS, *O antiniilismo estético*, (2018), p. 12).

A causa do niilismo está na negação da realidade por meio das categorias da razão que, não encontram sentido universal, sistematização ou verdade no devir; em consequência, criam um sentido universal que torna uno o conteúdo plural do mundo, pois do devir nada de universal se obtém; isso tudo em vista de sistematizar em uma totalidade os acontecimentos; e, por fim, criar um mundo metafísico, nos termos de Nietzsche, tomado como o real, em rejeição ao mundo terrestre, considerado como

falso. Com essas categorias, o todo, o mundo, o devir, é negado em razão dessa necessidade psicológica de sentido, unidade e verdade (NIETZSCHE, *Frag. Pós.*, 1887-1889, (2012), p. 37-38). Com isso, o niilismo se funda nessas categorias da razão como estado psicológico, ou seja, o niilismo atua como forma de desdobramento da vontade de potência (NIETZSCHE, *Obras escolhidas: Para além do bem e do mal*, (2016), p. 46).

Desse modo, assim como o niilismo está na origem da criação da idealidade por meio das categorias da razão, na qual os valores do mundo ocidental foram depositados como produto do ressentimento, ele também é responsável por seu desmoronamento. Com a desvalorização das categorias da razão, o todo deixa de ser o objeto de negação do niilismo, de sorte que, com a inaplicabilidade do niilismo ao mundo das coisas causado por essas categorias, cessa o estabelecimento de si mesmo como parâmetro das avaliações de valor (NIETZSCHE, *Frag. Pós.*, 1887-1889, (2012), p. 38). A partir disso, à desvalorização dos valores se segue uma transvalorização dos valores, que Nietzsche coloca como importante componente de seu projeto transvalorativo, de modo que, nesse novo quadro axiológico, o niilismo deixa de ser subordinado à negação do mundo, da realidade, do devir.

O niilismo é lógica e sintoma da dissolução dos sentidos criados pelo mundo ocidental em sua história de criação dos valores e na presente pesquisa é analisado no processo de desmoronamento desses sentidos criados pelo mundo ocidental e no erguimento de um novo quadro axiológico; de modo que, com isso, o niilismo compõe o projeto nietzschiano de superação do ser humano e da instauração de novos valores, sentidos e metas. Assim, tendo como pressuposto o caráter afirmativo da filosofia de Nietzsche, vamos examinar de que maneira esse niilismo se coloca no itinerário da superação do ser humano e dos valores produzidos pelo Ocidente.

Com isso, com base nesses desdobramentos acerca do niilismo, vamos examinar o projeto nietzschiano de superação do niilismo nos textos do próprio Nietzsche, tendo como base suas obras publicadas em vida, bem como os aforismos póstumos e trabalhos de comentadores da obra de Nietzsche, a saber: Martin Heidegger, Scarlet Marton, Oswaldo Giacoia, além de outros.

A relevância de nossa análise se concentra na compreensão do problema do niilismo e no projeto de sua superação em Nietzsche, em vista de elucidar o procedimento proposto por ele para a inversão axiológica por meio da análise

genealógica dos valores e superação do ser humano, examinando como o niilismo constitui a própria lógica da decadência e se manifesta como sinal do esvaziamento dos valores criados pelo ser humano no Ocidente.

Com isso, objetivamos percorrer a dimensão afirmativa da filosofia nietzschiana em termos da superação do ser humano decadente como produto da história dos valores, passando pela negação das antigas tábuas de valores e nos instalando na superação do niilismo, do ser humano e no engendramento das novas tábuas de valores com base na vontade de potência, princípio fundamental para uma instauração axiológica para além dos valores ocidentais. Em termos metodológicos, respondemos a algumas especificidades que contribuem para a análise e compreensão de nosso problema, vamos desenvolver nosso objetivo a partir de um caminho tríplice, a saber: (1) apresentar como o niilismo atua na mentalidade decadente constitutiva do mundo ocidental; (2) analisar como Nietzsche pensa o niilismo em vista do desmonte dos supremos valores até a morte de deus; e, por fim, (3) encaixar a discussão acerca da superação do niilismo, posterior à queda dos valores da cultura ocidental, no projeto nietzschiano de transvaloração dos valores.

Com a finalidade de apresentar a superação do niilismo como parte determinante no projeto transvalorativo de Nietzsche, partimos da abordagem do niilismo como lógica da desvalorização dos valores, seguida da negação de deus como valor supremo enquanto parâmetro das avaliações. Num segundo momento, após a análise do niilismo e tendo como aporte teórico o projeto transvalorativo de Nietzsche, abordaremos a superação do niilismo como parte desse projeto, de modo que, para uma transvaloração dos valores morais, a superação do niilismo se dá como ultrapassamento da negação do todo rumo às avaliações de valor para além da moral do mundo ocidental.

O capítulo 1 desta dissertação aborda o niilismo com base na análise genealógica de Nietzsche, acompanhando o trabalho de arqueologia do filósofo, ao analisar a gênese dos valores e identificar a presença singular do niilismo como movimento tanto no interior da metafísica, seguindo o processo de superação da metafísica por meio da *genealogia da moral*, quanto no movimento da *décadance*; passando pela análise do aforismo póstumo 11 [99] que perfaz a *crítica do niilismo* a partir das categorias da razão, as quais respondem a necessidades psicológicas no engendramento dos sentidos e metas que prevaleceram na cultura ocidental. A partir

dessa análise, tomamos, na elaboração da crítica nietzschiana ao mundo ocidental, a sentença “deus está morto”, tendo por base deus enquanto a caracterização das intelecções que formatam as categorias da razão. Ou seja, deus, valor supremo das avaliações, precisa ser morto, devido a ter ele sido tomado como valor e ser necessário que esse valor seja extirpado, no projeto filosófico de Nietzsche, em vista de uma nova instauração axiológica sob um parâmetro não idealizado, como deus e as categorias da razão. A partir dessa discussão, que apresenta como o niilismo se produz na história dos valores do Ocidente e passando pelo exame da atuação desse niilismo no interior dos valores, concluímos nosso primeiro capítulo desta pesquisa.

A análise do niilismo no capítulo 2 é elaborada, tendo como base sua identificação enquanto lógica da dissolução dos sentidos e dos valores do mundo ocidental e a morte de deus como parte determinante do processo de inversão dos valores, bem como a superação do niilismo por meio da afirmação de Nietzsche de que o niilismo deve ser pensado até a derrocada dos supremos e absolutos valores morais, de sorte que, com a morte de deus, se produz a perda do vínculo com toda ideia de realidade perfeita, sendo, com isso, a superação do niilismo passo indispensável no processo de transvaloração dos valores, os quais ficam agora sob o novo parâmetro de valoração que é pressuposto pela morte de deus. A partir da abordagem da superação do niilismo, a presente dissertação examina o processo de transvaloração dos valores morais no mundo ocidental, no qual os valores criados terão alicerce a partir da vontade de potência que exerce função de princípio fundamental no processo de instauração dos valores.

CAPÍTULO 1: NIILISMO E CRÍTICA AO OCIDENTE

1.1. NIILISMO: LÓGICA DA DISSOLUÇÃO INTERNA DOS VALORES

No prólogo de *Assim falou Zaratustra*¹, Zaratustra, entusiasmado com o povo que o escutava, afirma que o ser humano tem um estágio de transição entre dois tipos, o animal e o super-homem² (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, 2018, p. 14). Esse caráter plástico do ser humano se produz na criação de valores, de novos sentidos, de metas. Assim, sua crítica não se esgota na desconstrução dos alicerces que sustentam a moral e a cultura do mundo ocidental, e sim como atividade filosófica dentro do itinerário de superação do ser humano. Como observa Marton no verbete “Crítica” do *Dicionário Nietzsche*, essa crítica é condição da atividade filosófica (MARTON, *Dicionário Nietzsche*, (2016), p. 166), ou seja, a crítica ao mundo ocidental feita por Nietzsche não chega ao seu final com a desconstrução dos fundamentos morais, mas ela é critério de afirmação da superação do ser humano. Essa crítica vai se desdobrar em toda produção filosófica de Nietzsche, em que é com essa concepção que ele desenvolve, a partir da moral e da cultura, o desmonte da fundamentação do pensamento ocidental, para então tornar possível sua interrogação pela vida para além da cultura ocidental. No entanto, vamos, em um primeiro momento, examinar o procedimento de dissolução das bases dessa cultura e moral elaborado por Nietzsche, para então, num segundo momento, apresentar as

¹ *Assim falou Zaratustra* é uma das obras de Nietzsche que, sem dúvida, se tornou mais popular entre seus trabalhos publicados. É característica da obra a linguagem poética e de caráter religioso como método para levantar conceitos importantes como super-homem, vontade de potência, *amor fati* e eterno retorno do mesmo. A tradução correta para a obra seria *Assim falava Zaratustra*, porém adotamos a versão do tradutor Paulo César de Souza, coordenador das publicações pela Companhia das Letras dos textos de Nietzsche.

² O super-homem na filosofia nietzschiana é o conceito que conjectura todo o desembocar do curso de superação do ser humano, esse que está *para além da moral e do desprezo pelo todo* (razão por que alguns tradutores optam pela tradução do termo como: “além-do-homem”), tornando-se senhor de si mesmo criando os próprios valores. Esse conceito opera como a pura expressão de que o ser humano deve ser superado, alcançar então o crepúsculo do grande dia, em que a vontade de potência é tomada como ser de si mesmo e se torna critério para avaliar os próprios valores. Optamos pela tradução “super-homem” para o termo alemão *Übermensch*, na medida em que ele é a escolha do tradutor de várias das obras de Nietzsche, Paulo César de Souza, que utilizamos para referência de grande parte de nossas citações.

consequências que ele extrai desse procedimento de desconstrução. Para tanto, vamos examinar o pensamento ético e hermenêutico de Nietzsche, focalizando os valores presentes na estruturação da moral ocidental na modernidade, como também sua importância no processo de subversão da cultura e superação do ser humano proposto no Zarathustra.

O termo cultura, em alemão, *Kultur*, designa, na tradição europeia, a ação humana sobre a natureza, em vista da adequação à vida. É na cultura que se expressa a pluralidade das manifestações humanas, de sorte que ela pode ser compreendida como a maneira de expressão e interpretação dos povos acerca do mundo. É do interior dessa mesma cultura europeia que Nietzsche busca identificar alguns aspectos que estão em seu alicerce, em vista de, por meio do exame dessa cultura, examinar a criação dos valores.

O valor é constituído a partir de avaliações que produzem a valoração. Essa valoração, por sua vez, deve expressar o que Nietzsche designa como impulso de conservação-elevação da existência. Esse impulso que caracteriza o conceito de valor diz respeito às conjunturas de conservação e, ao mesmo tempo, de elevação da vida frente à dinâmica do viver (NIETZSCHE, *Frag. Pós.*, 1887-1889, (2012), p. 27). Na *Genealogia da Moral*, Nietzsche desenvolve sua genealogia como história dos valores na cultura ocidental, em vista de esclarecer como esses valores foram engendrados.

Na lógica que estrutura a história do Ocidente, a corrosão dos valores está vinculada à forma de sua constituição, de sorte que esse processo se caracteriza para Nietzsche como decadência³ (NIETZSCHE, *A Genealogia da Moral*, (2009), p. 132). Esse conceito de decadência, de acordo com ele, diz respeito ao acontecer da própria história e ao modo como ela se dá em seu curso (HEIDEGGER, *A sentença nietzschiana*, (2003), p. 474). O niilismo é a consequência dessa decadência produzida pela desagregação dos instintos que desemboca na contingência dos valores e leva à desvaloração dos valores que Nietzsche detecta na cultura europeia do século XIX.

³ Nietzsche utiliza a palavra *décadence* (decadência) quando se referindo a um processo pelo qual tanto o homem quanto a cultura sofrem, a desagregação dos instintos; isso se produz por meio de um impedimento do crescimento da potência, que resulta na falta de impulsos dominantes que caracterizam a hierarquização das forças.

O termo decadência, Nietzsche utiliza em sua grafia francesa, *décadence* (NIETZSCHE, *Obras escolhidas: Ecce Homo*, (2016), p. 347). Analisar a *décadence* nos termos da filosofia de Nietzsche nos conduz ao exame da filosofia socrática. Para Nietzsche, Sócrates personifica o *decadent*. A inversão que se produziu em Sócrates, que resulta no definimento da tragédia, desenha a linha na qual a cultura ocidental se sustenta.

“Apenas por instinto”: por essa expressão tocamos no coração e no ponto central da tendência socrática. Com ela, o socratismo condena tanto a arte quanto a ética vigentes; para onde quer que dirija o seu olhar perscrutador, avista ele a falta de compreensão e o poder da ilusão; dessa falta, infere a íntima insensatez e a detestabilidade do existente. A partir desse único ponto julgou Sócrates que devia corrigir a existência: ele, só ele, entra com ar de menosprezo e de superioridade, como precursor de uma cultura, arte e moral totalmente distintas, em um mundo tal que seria por nós considerado a maior felicidade agarrar-lhe a fímbria com todo o respeito (NIETZSCHE, *O nascimento da tragédia*, (2007), p. 82).

Desse modo, a análise da cultura ocidental está relacionada à análise da *décadence*. Em Sócrates, a *décadence* se produz na negação dos instintos em função da superestimação da razão. Por meio disso, a finalidade para o existir estaria compreendida no processo de responder à dinâmica do viver através do racionalismo na criação de um tipo de ser humano regido pela lógica racionalista que se opõe aos instintos.

Porém, ao problema de Sócrates, Nietzsche defende a não determinação de um sentido para a vida. Nas palavras de Nietzsche sobre *o problema de Sócrates*:

Temos que estender por completo os dedos e fazer a tentativa de compreender essa admirável *finesse*, a de *que o valor da vida não pode ser estimado*. Não por um vivente, pois este é parte e até mesmo objeto de disputa, e não juiz; não por um morto por conta de outras razões (*Crepúsculo dos ídolos*, (2014), p. 18, grifo do autor).

A *décadence*, para Nietzsche, se produz como a impossibilidade, seja das pessoas seja da cultura, de colaborar com o crescimento da potência, ou seja, ela é degenerescência dos instintos. Esse processo de degenerescência dos instintos se configura através do amortecimento dos impulsos que lutam em vista da hierarquização no interior de todo organismo. O próprio Nietzsche enfatiza em seus textos a importância que a análise da *décadence* tem em sua filosofia: “[o] que mais profundamente me ocupou foi, de fato, o problema da *décadence*” (NIETZSCHE, *O caso Wagner*, (2016), p. 9, grifo do autor). A história do mundo ocidental constitui, para Nietzsche, o mapeamento do movimento de decadência dos impulsos dominantes na cultura europeia, de sorte que no fragmento póstumo 14 [86] de 1888, dedicado ao conceito de decadência, Nietzsche elenca as consequências que explicitam o modo como ela está intimamente relacionada com a forma pela qual se constituiu a história do mundo ocidental:

- 1) O ceticismo é uma consequência da decadência: assim como a libertinagem, do espírito.
- 2) A corrupção dos hábitos é uma consequência da decadência: fraqueza da vontade, necessidade de estimulantes mais fortes...
- 3) Os métodos de tratamento, os métodos psicológicos, morais, não alteram o curso da decadência, eles não a interrompem, eles são fisiologicamente *nulos*
 : intelecção da *grande nulidade* dessas “reações” presumidas
 : trata-se de formas de narcotização contra certos fenômenos paralelos fatais, elas não produzem o elemento mórbido
 : elas são com frequência tentativas heroicas de anular o homem da decadência, de impor um mínimo à sua *nocividade*.
- 4) O niilismo não é nenhuma causa, mas apenas a lógica da decadência
- 5) O “bom” e o “ruim” são apenas dois tipos de decadência: eles se mantêm unidos em todos os fenômenos fundamentais.
- 6) A questão *social* é uma consequência da decadência
- 7) As doenças, sobretudo as doenças nervosas e as doenças cerebrais, são indícios de que falta a força *defensiva* das naturezas fortes; a irritabilidade fala justamente a favor disso, de tal modo que *prazer* e *desprazer* se tornam os problemas de primeiro plano (NIETZSCHE, *Frag. Póst.*, 1887-1889 (2012), p. 239, grifo do autor).

O processo de decadência não está à parte do desdobramento da história do mundo ocidental nem também da atividade filosófica, de modo que Nietzsche analisa a civilização europeia a partir do movimento da decadência, no qual ele identifica o

platonismo e o cristianismo, ambos conteúdos determinantes da forma de pensar do mundo ocidental, como sintomas da degenerescência dos instintos.

Não se evita a decadência, mas se a supera. O próprio Nietzsche se autodenominou um decadente: “[...] rebento ao mesmo tempo do mais alto e do mais baixo degrau na escada da vida, *décadent* e **princípio** a um só golpe –[...]– eu conheço ambos, eu sou ambos” (NIETZSCHE, *Obras escolhidas: Ecce Homo*, (2016), p. 346, grifo do autor). Assim,

[o] *detrito*, a *decadência*, o *refugo* não é nada que precisaria ser condenado em si: é uma consequência necessária da vida, do crescimento da vida. O fenômeno da decadência é tão necessário quanto qualquer despontar e avançar da vida: não se tem o direito de *revogá-la* (NIETZSCHE, *Frag. Póst.*, 1887-1889 (2012), p. 231, grifo do autor).

O processo de decadência é inerente à história do mundo ocidental, em que toda a mentalidade construída ao longo dos tempos está compreendida num processo de negação da vida através da desagregação dos instintos. Quando o ser humano toma conhecimento de que a construção valorativa dos sentidos criados a partir de um ponto de vista que une em um composto uniforme o movimento do devir não define a existência, o niilismo exerce a função responsável pela derrocada dos supremos e absolutos valores criados para dar sentido à dinâmica do existir. Ou seja, a lógica que compreende o desdobramento da decadência da história dos valores ocidentais é o niilismo, no qual a negação da vida, provocada pela desagregação dos instintos na estruturação moral do mundo ocidental, toma forma nos valores, e termina então por desvalorizá-los. Diante disso, não está fora de questão indagar acerca do que significa niilismo, como também a forma como ele é consequência da decadência do mundo ocidental.

Cabe-nos, assim, examinar o que é niilismo nos termos em que Nietzsche o investiga num de seus fragmentos póstumos, “*niilismo*: falta de meta; falta a resposta

para o ‘por quê?’ que significa niilismo? – o fato de que os valores supremos⁴ se desvalorizaram” (NIETZSCHE, *Frag. Pós.*, 1885-1887, (2013), p. 289, grifo do autor). Nesse fragmento, escrito no outono de 1887, Nietzsche conceitua o niilismo como a dissolução das metas criadas, sendo elas possíveis não por ser em si mesmas, mas por ser criações do ser humano (NIETZSCHE, *A Gaia Ciência*, (2012), p. 181). A noção de niilismo está intimamente relacionada com o conceito de valor, de sorte que, para examinar o niilismo presente nas obras de Nietzsche, é preciso investigar como o conceito de valor se coloca nessa relação com o niilismo.

O ser humano não suporta a vida sem sentido, sem meta, sem fundamento. Desse modo, ele engendra para si valores que elevam a relação da vida com a vontade de potência⁵. O niilismo apresentado por Nietzsche no aforismo 11 [99], como a desvalorização dos valores, se produz não como uma descrença no conteúdo daquilo que foi valorado como resposta à ausência de sentido diante da vida, mas como contramovimento ao tomar o valor como definição da vida.

O valor para Nietzsche se produz como uma disposição de conservação e, ao mesmo tempo, elevação da potência. A finalidade dos valores se configura em dar um sentido à existência. Essa meta colocada pelos valores para a existência é colocada diante do nada de sentido, fazendo com que toda a história seja história dos valores em que, no movimento do devir, o ser humano cria os valores para se estabilizar diante da instabilidade característica do mundo: “O ponto de vista do ‘valor’ é o ponto de vista das condições de conservação e elevação no que diz respeito a configurações complexas de duração relativa de vida no interior do devir” (NIETZSCHE, *Frag. Pós.*, 1887-1889, (2012), p. 27, grifo do autor). O valor funciona como uma tentativa de fixar

⁴ Os valores supremos designam não apenas o conteúdo da valoração, mas o mundo sublime (oposto ao mundo sensível), os sentidos criados com o pretexto de universalização e sistematização da realidade sensível. Nas palavras de Heidegger quando problematizando a filosofia de Nietzsche (*A sentença nietzschiana*, (2003), p. 484): “Deus, o mundo supra-sensível enquanto o mundo verdadeiramente essente e determinante de tudo, os ideais e as ideias, as metas e os fundamentos que determinam e suportam todo ente e a vida humana em especial, tudo isso é aqui representado no sentido dos valores mais elevados”.

⁵ Pela primeira vez o conceito Vontade de Potência aparece nos textos publicados por Nietzsche em sua obra *Assim falou Zaratustra*. Tal vontade é identificada pelo filósofo com a própria vida, que não está restrita quando pensada apenas como unida ao ser humano, mas a todo ser vivo e em tudo que compreende o ser vivo. A vontade de potência retrata um combate permanente por dominação e expansão das forças, de sorte que o funcionamento das coisas depende dessa mesma vontade. Nietzsche a caracteriza como uma afeição do homem pelo combate que constitui a vida, um conceito que será posteriormente vinculado ao *Amor fati* como aceitação da forma como as coisas vêm a ser.

o ser humano em uma unidade e em um sentido. Essa finalidade que o valor tem cria um estado último para o mundo, porém,

[...] o mundo não possui *nenhum* estado final: e toda filosofia ou hipótese científica (por exemplo, o mecanicismo), nas quais tal estado final se torna necessário, são *refutadas* pelo fato único... Busco uma concepção do mundo que faça jus a este fato: o devir deve ser explicado, sem que nos refugiemos em tais intenções finais: o devir precisa aparecer justificado a cada instante (*ou impassível de ser avaliado*: o que dá no mesmo); o presente não pode ser absolutamente justificado por causa de algo futuro ou o passado em virtude do presente (NIETZSCHE, *Frag. Pós.*, 1887-1889, (2012), p. 26, grifo do autor).

Desse modo, quando o ser humano reconhece que os valores criados em vista de metas e fins resultam na estagnação da relação das pessoas com o mundo, o niilismo se produz, ao passo em que o ser humano vai tomando conhecimento de que os sentidos criados para definir a existência são criações de sua própria espécie.

A reflexão sobre a dissolução dos valores nos põe diante da relação entre essas metas e o niilismo, pois, na medida em que esses valores são engendrados, eles são desvalorados, não medida em que essas metas, por ser niilistas, se voltam contra si e negam a si mesmas, por meio de um contramovimento que, além de negar os valores, enfraquece também os pilares da metafísica⁶. Não há sentidos preestabelecidos, todos são criações da vida, devido a sua necessidade de produzir valores, sendo, portanto, necessário considerar como são constituídos os valores dissolvidos pelo niilismo, para então compreender mais eficazmente como sua negação se encaixa como pressuposto necessário para a superação do ser humano.

Foi a partir da necessidade de criar sentido que os valores do Ocidente foram constituídos através da determinação de fins. O surgimento do niilismo, que é ausência de sentido e desvalorização dos valores, é ao mesmo tempo a determinação

⁶ Pelo conceito de metafísica Nietzsche entende a dualidade de mundos que cria um mundo sublime e um outro mundo que é efêmero, falso. A crítica de Nietzsche à metafísica e ao mesmo tempo sua desconstrução, é trabalhada como desmonte, em que essa dualidade é excluída.

do sentido diante do que não tem sentido preestabelecido. Dessa forma, o niilismo é a própria inversão daquilo que foi constituído a partir do nada de sentido, ou ainda, ele é o movimento que, da ausência de fins, engendra as finalidades que posteriormente serão desvaloradas, pois a ele é inerente a dissolução de todo sentido.

Toda valoração puramente moral [...] *termina no niilismo*: isso pode ser esperado para a Europa! Acredita-se que é possível se safar como um moralista sem um pano de fundo religioso: com isso, porém, o caminho para o niilismo é *necessário*. Na religião, falta a compulsão para *nos* considerarmos como instauradores de valores (NIETZSCHE, *Frag. Póst.*, 1885-1887, (2013), p. 265 – 266, grifo do autor).

Porém, à luz de que, esses valores e sentidos foram criados? Sob que alicerce as metas foram apoiadas? Responder a essas questões nos coloca diante do problema da relação entre a moral e a desvalorização de seus valores, em vista do qual Nietzsche aponta essa dissolução como necessária para uma nova instauração de fins e sentidos.

Se os valores para Nietzsche são criados historicamente pelo ser humano, consequentemente, eles não o são por si, nem e muito menos estão vinculados a algo que esteja além do mundo terrestre, isto é, ao mundo verdadeiro ou “além” de Platão, pois esse além é inexistente. Desse modo, os valores apontados como procedentes de uma entidade divina são de fato criações humanas e o vínculo com essa outra realidade que não a terrestre é tão somente metafórico.

A moral que predominou no mundo ocidental é investigada por Nietzsche em sua obra intitulada *A Genealogia da Moral*. Nesse trabalho, Nietzsche inicia sua análise pela abordagem das duas formas de valorar e dar sentido, a saber, a moral dos aristocratas e a dos escravos. Buscando determinar de onde provém o parâmetro da afirmação do que é bom e mau, bom e ruim, ele identifica uma distância hierárquica entre a nobreza e a plebe, que é chave para a compreensão do processo de valoração

que se segue a partir desse *pathos*⁷. É por meio da distinção entre nobres e escravos que Nietzsche formula, recorrendo ao conceito de *pathos*, a posição tomada pelos aristocratas que sua análise revela ser a afirmação de si à luz do que se é; ou seja, os nobres detêm um espírito forte de afirmação, enquanto os escravos, submetidos às ordens dos senhores, engendram seus valores em consequência do ressentimento, isto é, seus valores emergem de uma negação exterior, como o oposto daquilo que os aristocratas afirmavam de si.

É dessa forma que, nessa análise genealógica da primeira dissertação da obra, duas morais se polarizam, de modo que a moral escrava se produz como o contrário da afirmação de si feita pelos aristocratas, pela qual resta aos escravos ser o que os nobres não são. Quanto a essa afirmação, esclarece o filósofo:

[...] “nobre, “aristocrático”, no sentido social, é o conceito a partir do qual necessariamente se desenvolveu “bom” [...]: um desenvolvimento que sempre corre paralelo àquele outro que faz “plebeu”, “comum”, “baixo” transmutar-se finalmente em “ruim” (NIETZSCHE, *A Genealogia da Moral*, (2009), p. 18).

Em oposição à moral dos nobres, a moral escrava, por não afirmar o que se é para constituir sua própria moral, fundada na afirmação de si como a moral dos aristocratas, finda por considerar o conceito de bom como valor alicerçado na instância metafísica, o domínio do transcendente, e não na afirmação de suas próprias forças, como a moral aristocrata. É desse processo que resulta o que Nietzsche chama de inversão dos valores. Essa inversão se produziu quando os valores erigidos pela cultura ocidental resultaram de uma transvaloração dos valores nobres aos valores fracos formatados pela moral escrava. Esse processo de inversão ofereceu aos escravos um sentido para a vida diante do sofrimento, no curso da dinâmica do viver. O conceito de bom pelo qual os senhores afirmavam os valores que eles

⁷ Nietzsche utiliza na *Genealogia* o termo *pathos* no sentido de uma disparidade hierárquica da própria constituição da organização social, que realça a distância que há entre os seres humanos (os senhores e os escravos, os que mandam e aqueles que obedecem), caracterizando, pois, o ressentimento, dada a afirmação de si aristocrata sobre os inferiores, a saber, os escravos.

atribuíam a si mesmos é transferido pelos escravos para o domínio do transcendente, de modo que a afirmação de si diante da vida é invertida, de bom, como consideraram os nobres, a mau. Com isso, na moral escrava ressentida, a afirmação da vida é enfraquecida. Os valores afirmados pelos nobres, que afirmavam a vida por sua potência, são então invertidos pelos escravos. Consequentemente, bom (verdadeiro, real) é somente aquilo que diz respeito à metafísica, o que resulta na condenação do mundo à qualidade de mau, efêmero (falso, aparente). “[o]s senhores’ foram abolidos; a moral do homem comum venceu” (NIETZSCHE, *A Genealogia da Moral*, (2009), p. 25).

O caráter da moral escrava é ressentido, em função da impotência dos fracos em afirmar a si mesmos o que são, restando-lhes então apenas a produção do ódio. O ressentimento é o fundamento da rebelião dos escravos contra os nobres, quando os escravos passam a engendrar valores para si, os quais, por se ver impedidos dos atos afirmativos de sua potência, obtêm reparação por meio de uma vingança meramente imaginária (NIETZSCHE, *A Genealogia da Moral*, (2009), p. 26), sendo necessário, para tanto, sempre forjar uma realidade oposta, um mundo oposto, pois suas ações são apenas reativas. Ou seja, o ressentimento é a produção de ódio em reação a uma ação exercida pelo nobre sobre o escravo, em outras palavras, esse ressentimento do escravo pode ser compreendido como o ódio à vida diante do sofrimento a ele infligido pelo nobre. O ressentimento é um impulso que resulta, então, na atribuição de sentido pelo escravo diante de sua impotência frente à existência.

Quando os sentidos criados em decorrência do espírito de ressentimento direcionam contra si próprio sua força de expansão, é caracterizado a má consciência, tal como Nietzsche apresenta na segunda dissertação da *Genealogia da Moral*. Na *Genealogia da Moral* essa caracterização é desenvolvida na segunda dissertação da obra, em sequência à primeira dissertação, que aborda de maneira mais específica o conceito de ressentimento. A má consciência é traduzida na vergonha do ser humano frente ao ser humano, nas palavras de Nietzsche na *Genealogia da Moral*: “[...] refiro-me à moralização e ao amolecimento doentios, em virtude dos quais o bicho ‘homem’ aprende afinal a se envergonhar de seus instintos” (2009, p. 52).

A má consciência diz respeito ao fazer voltar contra si as próprias forças na criação dos valores; como observa Nietzsche na crítica ao niilismo do fragmento

póstumo 11 [99], ela consiste em oferecer respostas universais, em busca de realizar a sistematização dos acontecimentos por meio da criação de um mundo perfeito que é requerida pelo estado psicológico do escravo, dada a impotência do conteúdo encontrado no devir, que não consegue fornecer para si mesmo um sentido perene (1ª, 2ª e 3ª intelecção, ou categorias da razão). O niilismo também volta contra si mesmo as próprias forças, com a finalidade de reprimir o devir, já que do devir nada se obtém de uno e imutável, como requer essa exigência de sistematização (NIETZSCHE, *Frág. Póst.*, 1887-1889, (2012), p. 36 – 38). Esse processo pelo qual os instintos se voltam contra seus portadores, Nietzsche identifica como a origem dessa má consciência (NIETZSCHE, *A Genealogia da Moral*, (2009), p. 67-68).

Na organização da *Genealogia da Moral*, a má consciência desemboca no ideal ascético como o último passo da constituição da moral ocidental, o que Nietzsche desenvolve na última dissertação dessa obra. Em tal ideal se encontra a fuga do “horror ao vácuo”⁸ pela qual o ser humano opta pelo nada (designativo do transcendente e dos transcendentais), ao invés de nada querer (desespero). Para tanto, Nietzsche retoma na *Genealogia* a passagem de *A Gaia Ciência* em que ele aborda o ideal ascético,

[...] o homem veraz, no ousado e derradeiro sentido que a fé na ciência pressupõe, *afirma um outro mundo* que não o da vida, da natureza e da história; e, na medida em que afirma esse ‘outro mundo’ – não precisa então negar a sua contrapartida, este mundo *nosso* mundo?. . . Mas já terão compreendido aonde quero chegar, isto é, que a nossa fé na ciência repousa ainda numa *crença* (2012, p. 210, grifo do autor).

⁸O termo “horror ao vácuo”, usado por Nietzsche no início da terceira dissertação, *O que significam ideais ascéticos* de *A Genealogia da Moral*, denota a carência de sentido diante de sua ausência. Tal parte da obra é precedida pela discussão acerca da má consciência, consciência pela qual, tendo acumulado o ódio no imaginário em razão do ressentimento, o escravo impõe sobre si suas forças, em consequência do desespero e impotência frente à própria vida. Assim, o ideal ascético, como “horror ao vácuo”, é a fuga do nada querer, pois, como afirma Nietzsche, (o ser humano) “[...] preferirá ainda *querer o nada a nada a nada querer*” (2009, p. 80, grifo do autor).

Assim, podemos considerar que a atividade genealógica de Nietzsche não pode ser reduzida à identificação da gênese da moral, mas é, antes de tudo, uma forma estratégica de superação da metafísica, uma superação que se desdobra por meio da história dos valores, mostrando que, ao mesmo tempo em que a moral nasce, o niilismo que a ela é inerente surge. Essa discussão exige considerarmos nossa observação anterior a respeito da criação dos valores na moral ocidental, de que todos os valores não são em si, mas históricos. A esse respeito afirma Nietzsche:

O que quer que tenha *valor* no mundo de hoje não o tem e si, conforme sua natureza – a natureza é sempre isenta de valor: - foi-lhe dado, e oferecido um valor, e fomos *nós* esses doadores e ofertadores! O mundo que tem *algum interesse para o ser humano*, fomos nós que o criamos! (NIETZSCHE, *A Gaia Ciência*, (2012), p. 181, grifo do autor).

Com isso, não havendo sentido, a moral surge como negação do devir, por ela fixar em unidade o caos que constitui a realidade. Porém, é importante enfatizar que o devir precisa de sentido (NIETZSCHE, *Frag. Pós.*, 1887-1889, (2012), p.30), não sendo ele a negação daquilo que é, mas sendo, antes, seu reconhecimento como vontade de potência. Essa redução à unidade da pluralidade que compõe a realidade diz respeito à própria gênese do niilismo.

No aforismo póstumo 11 [99] escrito em Nice, em dezembro de 1887, sob o título de *Crítica do niilismo*, Nietzsche examina o niilismo a partir de como ele é fundado e também seu perecimento. O niilismo, intrínseco à forma de valorar do mundo ocidental, é fruto das categorias da razão que servem como resposta a necessidades psicológicas; tais categorias são três, a saber: fim, unidade e verdade. Porém, para poder analisar o niilismo a partir de Nietzsche, se faz necessário examinar como o filósofo compreende o termo psicologia.

Por psicologia, Nietzsche não entende uma ciência do comportamento do ser humano, nem também a análise do espírito humano. A psicologia é definida por Nietzsche como desdobramento da vontade de potência, ou seja, como uma teoria de como a vontade é princípio do crescimento da vida. No último aforismo referente à

primeira parte de *Além do bem e do mal*, encontramos a caracterização de Nietzsche do que ele entende por psicologia, numa fórmula que, ao mesmo tempo, rompe com a compreensão contemporânea a seu tempo do conceito de psicologia:

Até agora, toda a psicologia ficou presa a preconceitos e temores morais: ela não se arriscou nas profundezas. Concebê-la como morfologia e *teoria do desenvolvimento da vontade de poder*, como eu a concebo – ninguém tocou nisso ainda, sequer em pensamento: desde que seja lícito, pois, reconhecer naquilo que até agora se escreve, um sintoma daquilo que até agora se calou (NIETZSCHE, *Obras escolhidas: Para além do bem e do mal*, (2016), p. 46, grifo do autor).

A necessidade psicológica no âmbito da discussão acerca do niilismo está intimamente relacionada com a atividade criadora de valores, quando a vontade propicia a criação de valores determinada pela necessidade de universalização deles – é então dessa maneira que surgem as categorias da razão a partir de necessidades psicológicas. Eis como Nietzsche apresenta essas categorias em seu fragmento póstumo 11 [99]:

O *niilismo como estado psicológico* precisará entrar em cena *em primeiro lugar*, quando tivermos um “sentido” em todo acontecimento, que não está aí [...]. O *niilismo como estado psicológico* entra *em segundo lugar* em cena, quando se estabelece uma *totalidade*, uma *sistematização* mesmo uma *organização* em todo acontecimento e sob todo acontecimento [...]. O *niilismo como estado psicológico* tem ainda uma *terceira e derradeira* forma. Dadas essas duas *intelecções*, a de que com o devir nada é obtido e a de que não vigora por debaixo de todo devir nenhuma grande unidade, na qual o singular pudesse submergir completamente como em um elemento de um valor supremo: então ainda resta como *refúgio* condenar todo o mundo do devir como uma ilusão e inventar um mundo que se encontra para além desse mundo do devir, um mundo *verdadeiro* (NIETZSCHE, *Frag. Póst., 1887-1889*, (2012), p. 36 – 37, grifo do autor).

Essa passagem nos mostra como é nessas categorias que o niilismo se funda. Os valores passam a desvalorar a partir do momento em que o devir e, conseqüentemente, toda a realidade, é reduzido a categorias que estancam o vir-a-ser que, nele próprio, é movimento, o que torna essas categorias inaplicáveis à própria realidade por exigir um estágio final para a existência.. De outra forma, nos próprios termos de Nietzsche:

[o] mundo subsiste; ele não é nada que vem a ser, nada que perece. Ou, ao contrário: ele vem a ser, ele perece, mas nunca começou a vir a ser e nunca cessou de perecer – ele *se mantém* nos dois casos... [...] (NIETZSCHE, *Frag. Pósst., 1887-1889*, (2012), p. 337).

A primeira categoria é a resposta à carência de sentido, é um “horror ao vácuo”, ao nada de meta. Desse modo, se criam sentidos que buscam estagnar a carência, engessando também o movimento que caracteriza a realidade, a saber, o próprio devir. Atribuir uma finalidade para o existir caracteriza a forma como o ser humano tenta cristalizar o devir. Esse estado psicológico como tentativa de estagnar o movimento característico do devir vai de encontro ao eterno acontecer que constitui a dinâmica do existir. Desse modo, a inaplicabilidade de atribuir um fim ao mundo se produz pelo caráter antagônico da própria vida, em que o sentido não precisa necessariamente ser efetivado:

Esse sentido poderia ter sido: a ‘realização’ de um cânone ético supremo em todo acontecimento, a ordem ética do mundo [...]. O que há de comum em todos esses tipos de representação é o fato de algo dever ser *alcançado* por meio de um processo: – e, então, compreende-se que com o devir *nada* é obtido, *nada* é alcançado... (NIETZSCHE, *Frag. Pósst., 1887-1889*, (2012), p. 36, grifo do autor).

A determinação de um fim para o mundo exige dele uma transitoriedade entre seu início e seu desembocar. Porém, para Nietzsche, o mundo não compreende um estado transitório (NIETZSCHE, *Frag. Pós.*, 1887-1889, (2012), p. 337), consequentemente, também não possui um estado final (NIETZSCHE, *Frag. Pós.*, 1887-1889, (2012), p. 26). O vir-a-ser não possui o ser, uma meta, um sentido, como estado último, pois “[o] sentido do devir precisa ser preenchido, alcançado, consumado a cada instante” (NIETZSCHE, *Frag. Pós.*, 1887-1889, (2012), p. 30). Assim, o advento do niilismo se produz quando o estado final atribuído ao mundo é reconhecido em sua inaplicabilidade em tomar a dualidade de mundos como alicerce para as avaliações.

A vida sempre retorna como vontade de potência, de sorte que qualquer estágio final da vida não se efetiva em vista da própria inconstância que caracteriza a realidade da vida e do devir, configurando, desse modo, a inaplicabilidade de efetivação de um fim que busca conduzir a vida a um estágio acabado, em outras palavras, a um estágio em que a dinâmica do viver se cristaliza numa meta, num fim.

Esse sentido final atribuído ao viver aparece em decorrência do espírito de vingança que se produz contra a realidade, na qual tal sentido é criado como forma de cristalização desse sentido final. Nesse processo se elimina a dinâmica do viver pressupondo que o mundo chegue a uma fase última, anunciando, com isso, o enfraquecimento das forças do devir:

*Uma espécie de meio foi falsamente compreendido como finalidade: a vida e a elevação de seu poder foram inversamente rebaixados e transformados em meio (NIETZSCHE, *Frag. Pós.* 1885-1887, (2013), p. 440, grifo do autor).*

O que se produz com essa inversão que transforma a vida num meio para a efetivação de um fim é um ataque contra a própria vida. Assim, o advento do niilismo se produz no reconhecimento da inexistência de um estágio acabado da vida. Dar fim à dinâmica do viver se manifesta como forma de desgaste das forças que se

reconhecem sempre como retorno à vontade de potência, numa espécie de cansaço pela dissipação dessas forças. Quanto a esse advento do niilismo, podemos analisá-lo como “[...] a desilusão quanto uma *suposta meta do devir* como causa do niilismo” (NIETZSCHE, *Frag. Póst.*, 1885-1887, (2013), p. 36).

Após a abordagem de como a primeira categoria da razão atribui ao devir um sentido, Nietzsche mostra como a segunda inteligência busca o ordenamento do caos que constitui o mundo. A segunda categoria da razão se produz por meio de um ordenamento de toda a realidade com a inaplicável intenção de sistematizar os acontecimentos como parte de um todo superior e uno cristalizado na idealização do próprio mundo (NIETZSCHE, *Frag. Póst.*, 1887-1889, (2012), p. 37).

O niilismo como estado psicológico entra *em segundo lugar* em cena, quando se estabelece uma *totalidade*, uma *sistematização*, mesmo uma *organização* em todo acontecimento e sob todo acontecimento (NIETZSCHE, *Frag. Póst.*, 1887-1889, (2012), p. 37, grifo do autor).

Essa sistematização de todo acontecer se produz em função de um ser supremo e ordenador que coloca o ser humano em dependência com relação a ele (NIETZSCHE, *Frag. Póst.*, 1887-1889, (2012), p. 37), de modo que o ser humano, reconhecendo sua carência e impotência diante da vida, concebe tal totalidade como oportuna para instituir valores universais. A negação da vida que ocorre em resultado dessa pressuposição de que a realidade corresponde a uma parte de uma organização que une o caos da realidade a uma totalidade, justifica a dinâmica da existência que está sujeita ao eterno passar. De modo que, com isso, a autoria dessa organização da realidade se produz a partir de um ser supremo. Fazendo com que o ser humano seja parte no interior de uma sistematização universal: “[o] bem-estar do universal exige a entrega do singular...” mas, veja, não *há* nenhum universal como tal (NIETZSCHE, *Frag. Póst.* 1887-1889, (2012), p. 37, grifo do autor).

Porém, uma vez a vida colocada sob os pressupostos de submissão do mundo a um ser supremo, fica impossibilitada a instauração de valores como a verdade do

sujeito na dinâmica do viver e do mundo do eterno passar. Ao mesmo tempo em que produz esses valores, essa segunda categoria dá origem ao aparecimento do niilismo, ao se gerar a descrença numa totalidade dotada de valor, à qual se vinculam os valores criados a partir dela.

Esse processo de universalização da vontade se produz em função do ódio ao caos que constitui a realidade, que busca numa instância completamente organizada a resposta para a efetividade de como as coisas acontecem enquanto particulares de um todo sistematizado:

“[n]o fundo, o homem perdeu a crença em seu valor, caso não atue através dele uma totalidade infinitamente valorosa: ou seja, ele concebeu uma totalidade a fim de *poder acreditar em seu valor*” (NIETZSCHE, *Frag. Pós.*, 1887-1889, (2012), p. 37).

A partir dessa segunda categoria, o advento do niilismo ocorre em função de que toda valoração procede da relação da vida com a vontade de potência enquanto um movimento que concede à realidade valor e significado, reconhecendo, com isso, a ilusão gerada por esse processo de sistematização que ordena universalmente a realidade. Assim, não existe uma vontade universal que ordena e estabelece unidade à vida. A forma como a realidade se efetiva é caracterizada pelo combate das forças que existem na própria dinâmica do existir, e não através da submissão das valorações de sua própria realidade a uma outra vontade:

[...] interpretar a história para a glória de uma razão divina, como permanente testemunho de uma ordenação moral do mundo e de intenções morais últimas; explicar as próprias vivências como durante muito tempo fizeram os homens pios, como se fosse tudo providência, tudo aviso, tudo concebido e disposto para salvação da alma: isso agora *acabou*, isso tem a consciência *contra si*, as consciências refinadas o vêem como indecoroso, desonesto, como mentira [...] (NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, (2009), p. 138, grifo do autor).

Com isso, se rompe a ilusão de ser parte de um ordenamento de valoração universal, bem como se configura uma espécie de desilusão com a inaplicabilidade de efetivação no real que aparece na noção de unidade como parte da ordenação sistemática.

Por fim, a terceira categoria da razão apresentada por Nietzsche no aforismo 11 [99] se produz a partir daquilo que já opera nas anteriores, a saber, sob o pressuposto de que o princípio de que nada pode ser extraído do devir, que nenhum sentido universal pode ser criado de algo particular e que as coisas devem responder a uma unidade sistematizadora; essa terceira intelecção condena o mundo do devir e cria para si um mundo que deve ser o verdadeiro (NIETZSCHE, *Frag. Pós.*, 1887-1889, (2012), p. 37); ela é também o advento do niilismo a partir do reconhecimento de que os valores absolutos que operam como fim e unidade se desvaloram.

A partir da desvaloração das categorias de fim e unidade, o ser humano se depara com a descrença no mundo do devir, de sorte que ele vê numa negação da efetividade da realidade um refúgio, buscando, com isso, uma efetividade na metafísica. Se com as duas primeiras categorias da razão de fim e unidade, havia uma meta que dava sentido à própria vida, com a descrença nessas categorias e na efetividade da metafísica, a negação do devir e das formas de valorar são submetidas à criação desse outro mundo. Esse mundo metafísico, criado, é afirmado ao mesmo tempo em que o mundo do devir é condenado; aí, o conteúdo fundamentado na dualidade de mundos configura a valoração cristalizada nas idealidades do mundo metafísico, a saber, um sentido permanente, uma sistematização de todo acontecer e, a partir da terceira intelecção, uma efetividade.

Assim, a partir da terceira categoria da razão se estrutura a dualidade entre mundo verdadeiro e mundo falso, na qual a metafísica encontra seu conteúdo. O real é invertido. A qualidade ‘aparente’ começa a dizer respeito ao mundo das coisas, ao mesmo tempo em que passa a ser objeto de descrença; consequentemente, os valores não são engendrados a partir da realidade na qual o sujeito está situado sob um retorno da vida enquanto vontade de potência, mas a partir desse mundo metafísico que comporta a efetividade do real.

Nietzsche descreve como se estabelece o mundo verdadeiro criado em decorrência da negação do mundo metafísico:

*Os transcendentalistas, que acham que todo conhecimento humano não satisfaz os desejos de seu coração, mas que inversamente os contradiz e os faz tremer – eles estabelecem de maneira inocente um mundo em algum lugar que, não obstante, corresponde a seus desejos, e que não <se> mostra justamente ao nosso conhecimento: esse mundo, eles acham, seria o *mundo verdadeiro*, em relação ao nosso mundo cognoscível é apenas ilusão (NIETZSCHE, *Frag. Pós.*, 1885-1887, (2013), p. 214).*

Esta última categoria cria com o mundo metafísico um último amparo para o ser humano que, com a desvalorização das categorias de fim e unidade, se encontra diante da agonia do em vão (NIETZSCHE, *Frag. Pós.*, 1887-1889, (2012), p. 245). Porém, através do próprio movimento da vontade, esse mundo metafísico passa a não mais satisfazer o ser humano e a vida enquanto determinante de valor e confiança. É no reconhecimento dessa insatisfação com o caráter imagético do mundo verdadeiro que se produz o advento do niilismo a partir dessa terceira intelecção:

*Contudo, logo que o homem descobre como esse mundo só ganhou espaço por necessidades psicológicas e como ele não tinha razão alguma para tanto, surge a última forma do niilismo, que encerra em si a *descrença em um mundo verdadeiro* – e que se proíbe a crença em um mundo verdadeiro. Sob esse ponto de vista, admite-se a realidade do devir como *única* realidade, proíbe-se todo tipo de atalhos para transmundos e falsas divindades – *mas não se suporta esse mundo que já não se quer negar...* (NIETZSCHE, *Frag. Pós.*, 1887-1889, (2012), p. 37, grifo do autor).*

Assim, quando surge a compreensão de que essas categorias são criações a partir de necessidades psicológicas que estancam a dinâmica da vida, nasce o que

Nietzsche chama de a última forma do niilismo⁹, na qual se produz a falta de crença em um mundo que seja metafísico, vindo, em consequência, a ser considerado apenas o mundo do devir como realidade única (NIETZSCHE, *Frag. Póst.*, 1887-1889, (2012), p. 37). “Resultado: a *crença nas categorias da razão* é a causa do niilismo – nós mediamos o valor do mundo a partir de categorias *que se ligam a um mundo puramente fictício*” (NIETZSCHE, *Frag. Póst.* 1887-1889, (2012), p. 38, grifo do autor).

Os valores resultantes dessas categorias estão submetidos à necessidade que é própria das categorias, o que garante a eles perenidade, de sorte que é necessário que esses valores sejam interpretados como perenes, e não de acordo com a realidade do devir, do mundo em que nada é estanque e em que tudo está em movimento. De modo que, para que essas metas sejam universais, os acontecimentos devem ser submetidos a uma unidade que sistematiza tais acontecimentos; e, para isso, o mundo do devir deve ser desconsiderado por meio da idealização de um outro mundo, o mundo verdadeiro e estanque. A última forma do niilismo surge dessas categorias na medida em que o ser humano toma ciência de que os valores criados para tornar os valores estanques são sustentados por necessidades psicológicas alinhadas ao conteúdo da metafísica tradicional. Assim, “[s]e *desvalorizamos* essas três categorias, então a prova de sua inaplicabilidade não é mais nenhuma razão para *desvalorizarmos o todo*” (NIETZSCHE, *Frag. Póst.*, 1887-1889, (2012), p. 38, grifo do autor). Desse modo, observamos que das categorias de fim, unidade e verdade não se extrai um fundamento último para a vida. Isso torna evidente que, num distanciamento do movimento de retorno enquanto vontade de potência, o ser humano é constantemente submetido ao sentimento de descrença em todo valor que seja atribuindo ao eterno passar. Escreve Nietzsche quanto a esse sentimento de descrédito a todo valor que seja atribuído à vida:

O sentimento da *ausência de valor* foi alcançado, quando se compreendeu que o caráter conjunto da existência não pode ser interpretado nem com o conceito de “*meta*”, nem com o conceito de “*unidade*”, nem com o conceito de “*verdade*”. Não é obtido e

⁹ Essa última forma do niilismo, a saber, a descrença nas categorias da razão a partir do entendimento de que são produzidas por necessidades psicológicas, denota o reconhecimento da impossibilidade de efetivação daquilo configurado sob essas mesmas categorias e sob a metafísica.

alcançado; falta a unidade abrangente em toda pluralidade do acontecimento: o caráter do acontecimento não é “verdadeiro”, é falso..., não se tem mais simplesmente nenhuma razão para tentar se convencer de um mundo verdadeiro...

Em suma: as categorias “meta”, “unidade”, “ser”, com as quais tínhamos inerido um valor no mundo, foram *retiradas* uma vez por nós – e agora o mundo parece *sem valor* (NIETZSCHE, *Frag. Póst., 1887-1889*, (2012), p. 38, grifo do autor).

Uma vez explicado o surgimento do niilismo a partir dessas categorias, faz-se necessário observar que a origem da crença nessas categorias se produz por meio de “[...] perspectivas de utilidade voltadas para a manutenção e a elevação de construções humanas de domínio [...]” (NIETZSCHE, *Frag. Póst., 1887-1889*, (2012), p. 38), ou seja, tais categorias da razão são expressão da vontade de potência enquanto princípio com base no qual são erigidos os valores.

O valor do mundo, medido à luz de tais categorias, é a própria causa do niilismo (NIETZSCHE, *Frag. Póst., 1887-1889*, (2012), p. 38). O niilismo, embora cumpra a tarefa de desvalorização dos valores superiores, pode também ser um risco no que toca seu potencial de enfraquecimento do espírito criativo do ser humano, quando, em vez de desvalorar a crença nas categorias da razão, ele desvaloriza a própria vida. Isso permite a Nietzsche caracterizar dois tipos de niilismo, um ativo e outro passivo. O niilismo passivo é aquele que enfraquece a potência vital do ser humano; é o niilismo em que os sentidos não mais importam e em que a sujeição desesperada a fins determinados se torna possibilidade. Essa tentativa do niilismo de, a partir da ausência de metas, sujeitar-se a fins é uma atitude “desesperada”, mas que expressa a necessidade de sentido que a vida tem. Esse tipo de niilismo é venenoso, é uma atitude de desespero que conduz o ser humano à estagnação na ausência de metas, fazendo com que o niilista tenha enfraquecida a força de seu espírito em vista da finalidade de prolongamento da existência. No que diz respeito a esse tipo específico de niilismo, Nietzsche esclarece:

[n]iilismo como *declínio e retrocesso do poder do espírito*: *niilismo passivo*: como um sinal de fraqueza: a força do espírito pode se extenuar, pode estar *esgotada*, de tal modo que as metas e os valores *até aqui* se mostram como inapropriados e não encontram mais nenhuma crença –

o fato de a síntese dos valores e metas (nos quais se baseia toda cultura forte) se dissolver, de tal modo que os valores particulares declaram guerra uns aos outros: decomposição

o fato de tudo aquilo que refresca, cura, tranquiliza, anestesia, ganhar o primeiro plano sob *disfarces* diversos, religiosos, morais, políticos ou estéticos etc. (NIETZSCHE, *Frag. Pós.*, 1885-1887, (2013), p. 290).

A partir desses pontos podemos perceber que o niilismo passivo se caracteriza pela tentativa de prolongar a existência fazendo uso de meios que configuram o declínio das forças que caracterizam a vontade de potência. A negação que caracteriza o niilismo passivo não se limita de maneira estrita à crença nas categorias, mas envolve também a negação do todo, isto é, da totalidade como devir. Esse niilismo impede a afirmação da vida a partir do reconhecimento da própria vida, pois, para que tal reconhecimento se produza, o niilismo precisa ser superado, e isso somente é possível quando a negação dos valores supremos se produz como niilismo enquanto poder de destruição e elevação do poder do espírito.

O caráter ativo do niilismo põe o ser humano diante de todos os valores que o rodeiam e incide sobre o aniquilamento desses valores. Todas as convicções que são fixadas por meio das categorias da razão são postas sob suspeita, negadas como passo determinante da fuga de imposições fundamentadas em representações metafísicas supra-humanas, pois, não há nada para além da vida terrestre, humana. Quando esse niilismo ativo deixa de ser puro poder de destruição e se torna intensificação dos impulsos vitais, ele conduz ao que Nietzsche denomina niilismo extremo (MARTON, *Dicionário Nietzsche*, (2014), p. 328). Esse niilismo se caracteriza pela relação perspectivista com o devir e com o real¹⁰, na medida em que recusa

¹⁰ O perspectivismo é presente em Nietzsche em sua discussão da hermenêutica e, nesta pesquisa, unida à discussão acerca dos valores, concluímos que corresponde rigorosamente às avaliações das quais decorrem os sentidos engendrados pelo ser humano a partir da perspectiva, de uma subversão a qualquer objetividade da realidade e das coisas.

interpretar a verdade como fundada numa realidade substancial e entende que toda atribuição de sentido é sempre produzida por uma avaliação¹¹ do valor; isto é, o niilismo entende que esse sentido não diz respeito a uma realidade em si, substancial, mas a essa avaliação que se produz sempre numa determinada perspectiva. Para tanto, Nietzsche caracteriza o niilismo ativo:

[n]iilismo como sinal do *poder elevado do espírito*: como *niilismo ativo*. Ele pode ser sinal de *força*: a força do espírito pode ter crescido a tal ponto que as metas *até aqui* se mostram inapropriadas para ele (“convicções”, “artigos de fé”) –

uma crença expressa, em geral, justamente a coerção de *condições existenciais*, uma submissão à autoridade de relações, sob as quais um ser *prospera, cresce, conquista poder*. . . Por outro lado, um sinal de uma força *não suficiente*, para também *estabelecer*, então, uma vez mais uma meta, um por quê?, uma crença. Seu *máximo* de força relativa é alcançado por ele como força violenta da *destruição: como niilismo ativo*. Seu oposto seria o niilismo cansado, que não *ataca* mais: sua forma mais célebre, o budismo: como niilismo *passivo*. O niilismo representa um *estado intermediário* patológico (patológica é a universalização descomunal, a conclusão *relativa à inexistência de sentido*): seja porque as forças produtivas ainda não são fortes o suficiente; seja porque a *décadence* ainda se mostra hesitante e seus recursos ainda não foram inventados (NIETZSCHE, *Frag. Pós.*, 1885-1887, (2013), p. 289 – 290, grifo do autor).

O niilismo é fundado a partir das respostas aos “porquês?”, de modo que essas respostas compartilham do niilismo por meio do ideal ascético, ideal este que está na base da constituição dos valores ocidentais. Desse modo, Nietzsche toma o niilismo como inerente à história dos valores e o identifica em ascensão nos séculos futuros (NIETZSCHE, *A Gaia Ciência*, (2012), p. 44 – 45, grifo do autor), ou antes, mostra que a presença do niilismo na história dos valores garante a lógica da desvalorização.

¹¹A concepção nietzschiana de avaliação está intimamente ligada à determinação de valor, pois a avaliações originam os valores. Como por exemplo, o valor do conceito bondade, que foi engendrado a partir da perspectiva cristã, sendo, pois, formado por meio das avaliações feitas através das concepções cristãs.

O niilismo não é simplesmente um movimento filosófico ou uma corrente filosófica, mas essencialmente diz respeito a um processo fundamental da história do mundo ocidental, afirma Heidegger em *A sentença nietzschiana “Deus está morto”* (2003, p. 480). Essa afirmação de Heidegger reconhece uma interpretação metafísica feita por Nietzsche da própria história, na qual se encontra, não apenas o surgimento do niilismo, mas também seu desdobramento.

O niilismo como lógica da decadência ou catástrofe, é a expressão de como os valores supremos são ao mesmo tempo valores niilistas, valores que se desvaloram no curso da história. Na cultura ocidental, os valores garantem a integridade dos seres humanos, de modo que o niilismo é o próprio esvaziamento e dissolução desses valores (GIACÓIA, *Nietzsche*, (2014), p. 227). Assim, o niilismo não é a causa da decadência dos valores ocidentais, mas a lógica desse processo de degenerescência dos instintos; nas palavras de Nietzsche, “[...] porque o niilismo é a lógica pensada até o fim de nossos grandes valores e ideais [...]” (NIETZSCHE, *Frag. Póst., 1887-1889*, (2012), p. 175). Desse modo, a negação que o termo implica não é causa dessa decadência, mas o movimento e o designativo que a representam. Afirma Nietzsche:

[e]u descrevo o que virá: a ascensão do niilismo. Posso descrevê-la aqui, porque algo necessário está se dando aqui – os sinais desse acontecimento estão por toda parte, só continuam faltando os *olhos* para esses sinais. Não elogio, nem repreendo aqui o fato de que ele virá: creio que há uma grande *crise*, um instante da *mais profunda* automeditação do homem: é uma questão de sua força saber se ele se restabelecerá daí, se ele se tornará senhor dessa crise: é *possível...* [...]. O que narro é a história dos próximos 200 anos... (NIETZSCHE, *A Gaia Ciência*, (2012), p. 44 – 45, grifo do autor).

Esse advento que é a ascensão do niilismo é também, a “lógica da catástrofe”, que deve ser entendida à luz de duas perspectivas intimamente relacionadas que caracterizam o uso do termo niilismo. “[t]omado em sua acepção original, o termo [catástrofe] está ligado ao desenlace da tragédia grega, a uma reviravolta que expõe o sentido, até então oculto, no curso dos acontecimentos dramáticos” (GIACÓIA, *Nietzsche*, (2014), p. 228-229). A catástrofe diz respeito a condução, à dissolução, ao

aniquilamento; enquanto, por outro lado, o dar sentido diz respeito a um retorno ao que se é¹². Desse modo, a lógica da catástrofe é a dinâmica do niilismo; ela também incide sobre um outro aspecto necessário para a afirmação da vida, que é a vontade de potência.

Através dessa lógica, para Nietzsche, o Ocidente fica sob suspeita, de modo especial pelo fato de o mundo ocidental estabelecer fundamentos metafísicos, na tentativa de estabilizar o ser humano¹³ na universalidade sistematizadora da segunda categoria. Esse processo se constitui como vontade de potência, porém não sob o caráter afirmativo que Nietzsche propunha como modo de superação, mas à luz de determinações universais, como a verdade, o bom, o belo, que exprimem a vontade de verdade¹⁴, ela que em si é resposta aos “por quês?” através da determinação do valor e do sentido. Assim, no pensamento nietzschiano, a vontade de verdade é identificada na própria gênese da cultura ocidental a partir da atividade genealógica.

A lógica da catástrofe que traduz o processo de desvalorização é reforçada pela vontade de verdade, a qual é responsável pelo engendramento das categorias da razão enquanto necessidades psicológicas. Essa mesma vontade de verdade é expressão da vontade de potência, não como instinto de dominação, conservação e expansão do que se é, mas como anseio por conservar a vida e a existência através da fuga da aparência rumo à essência, à verdade, negando com isso o devir e reduzindo à unidade o que é plural e múltiplo.

Diante do caráter niilista dos valores, é possível considerar que o niilismo não é algo que possa ser ignorado, evitado ou até mesmo contornado. Para Nietzsche, ele

¹² Esse retorno aponta para análise do que é a própria vontade de potência. Ou seja, esse niilismo é, ao mesmo tempo em que indica o desmoronamento dos valores e aceita o vazio de sentido como própria constituição da realidade, um processo para o reconhecimento da ausência de essência nas coisas. O niilismo é parte da emancipação do homem frente aos sentidos criados, pois, para que a vontade de potência possa conservar e expandir as forças da vontade (enquanto antagonismo) é necessário que esta não esteja submetida a um fim determinado, mas seja compreendida como pluralidade e multiplicidade.

¹³ Estabilizar o ser diante do vir-a-ser é valor (NIETZSCHE, *Frag. Pós.*, 1887-1889, (2012), p. XX). Logo, a presente discussão apresenta-a como parte da análise da vontade de potência enquanto impulso à dominação; ou seja, o valor é resultado da vontade de potência quando ele resulta na tentativa de dominar e expandir.

¹⁴ A vontade de verdade tratada por Nietzsche é apresentada como uma doutrina que diz respeito intimamente à formação do homem e a constituição da cultura ocidental, que toma a verdade como axioma nas atividades filosóficas e científicas, de modo que ela se torna valor e fim de tais exercícios.

deve ser levado até suas últimas consequências, ou seja, vivido em seu caráter ativo, de sorte que por meio disso ele pode ser superado (GIACÓIA, *Nietzsche*, (2014), p. 240). Essa superação do niilismo é ao mesmo tempo a inversão dos valores, os quais, ao ser desvalorados, devem não apenas ser substituídos por outros valores (NIETZSCHE, *Frag. Pós.*, 1885-1887, (2013), p. 178), mas, antes, resultar na inversão do próprio valor dos valores.

Contra o enfraquecimento do ser humano, Nietzsche critica a vontade de verdade, devido a sua incapacidade de potencializar o espírito criativo, propondo a negação do valor dos valores do mundo ocidental. Para tanto, é preciso considerar a vida como vontade de potência (NIETZSCHE, *A genealogia da moral*, (2009), p. 62) e entender a passagem da vontade de verdade para a vontade afirmativa da vida com todas suas forças de dominação e expansão; essa passagem exige que o valor que mantém o conteúdo das avaliações seja não apenas substituído, mas invertido, permitindo que a criação dos valores se produza sob um novo parâmetro.

1.2. A NEGAÇÃO DE DEUS ENQUANTO VALOR SUPREMO DO MUNDO OCIDENTAL

O anúncio da filosofia de Nietzsche – essa é sua tese no prólogo de *O Anticristo* – é para gerações que ainda não vieram, é para aquelas que tomarem conhecimento da desvalorização das categorias da razão como dissolução do valor supremo que rege os valores do mundo ocidental (NIETZSCHE, *Obras escolhidas: O anticristo*, (2016), p. 247). Aqui, é importante observar que, para Nietzsche, a ideia de que sua filosofia é para pessoas de tempos futuros não diz respeito a uma superioridade delas mediante o curso do tempo (NIETZSCHE, *Obras escolhidas: O anticristo*, (2016) p. 247), mas traduz a tese de Nietzsche da superação do ser humano por meio do crescimento das forças que compõem a vida.

As formas de valoração tomadas a partir das categorias da razão determinaram e estancaram a discussão axiológica no mundo ocidental. A negação da realidade plural que não determina sentido universal foi sustentada pelo próprio Sócrates nos diálogos de Platão; na medida em que, a busca do conhecimento passou a predominar de maneira a responder ao sentido da própria existência. Com isso, por mais que o mundo ocidental tenha preferido querer algo em relação ao não querer nada, as premissas que sustentam o socratismo não são suficientes para determinar um sentido para a existência. Em *Ecce Homo*, Nietzsche quando escrevendo sobre o *Nascimento da tragédia* apresenta Sócrates como decadente e responsável pela dissolução da tragédia. Eis como Nietzsche descreve o socratismo:

“Racionalidade” **contra** instinto. A “racionalidade” a qualquer preço, como violência perigosa, solapadora da vida!... Silêncio profundo e hostil a respeito do cristianismo em todo livro... Ele não é nem apolíneo nem dionisíaco; ele **nega** todos os valores **estéticos** – os únicos valores que o “Nascimento da tragédia” reconhece: ele é, no mais profundo dos sentidos, niilista, ao passo em que no símbolo dionisíaco é alcançada a fronteira mais extrema da **afirmação** (NIETZSCHE, *Obras escolhidas: Ecce Homo*, (2016), p. 393, grifo do autor).

Rejeitar Dionísio é ao mesmo tempo rejeitar toda dimensão instintiva, a arte, a vida. Sócrates, por meio de seu otimismo teórico¹⁵, inverte o modo de agir do grego; ou seja, faz com que a razão se sobressaia aos instintos. Desse modo, rege primariamente a interpretação moral do cristianismo (MARTON, *Dicionário Nietzsche*, (2016), p. 382-383).

A *décadence* do pensamento ocidental encarnada no cristianismo se produziu por meio do enfraquecimento das forças da vida, condenando sempre a dinâmica do viver em que o ser humano está situado.

Em todas as épocas, os mais sábios julgaram da mesma maneira a vida: *ela não vale nada...* Sempre e em toda parte se ouviu o mesmo tom de sua boca, – um tom pleno de dúvida, de melancolia, de cansaço da vida, de oposição contra a vida (NIETZSCHE, *Crepúsculo dos ídolos*, (2014), p. 170, grifo do autor).

No mundo ocidental o cristianismo é herdeiro da moral ressentida dos escravos e, por meio do racionalismo e otimismo teórico de Sócrates, inverteu a razão contra os instintos. Desse modo, assim como Sócrates encarnou o espírito *decadent*, o cristianismo herda o caráter decadente do processo de degeneração dos instintos.

A discussão acerca do modo de determinação dos valores no mundo ocidental nos coloca frente à vontade de verdade, que se produz como valoração, uma expressão da vontade de potência, mas que não proporciona a elevação do espírito, isso por ela não proporcionar a potencialização das suas forças criativas¹⁶. Este tipo de vontade indica aquilo ao que o mundo ocidental tem aspirado, a saber, a verdade do ponto de vista perene e imutável. A vontade de verdade é a força motriz da moral e da ciência enquanto vontade de potência, de sorte que a análise de Nietzsche não

¹⁵ A expressão “otimismo teórico” é a conjectura do ideal socrático que viabiliza melhorar o mundo através do uso da razão. Esse processo se produz por meio do uso da razão para dar sentido à existência, tendo como meio a negação dos instintos.

¹⁶ A expansão da vida impedida pela vontade de verdade é resultado da delimitação das forças do ser humano. Esse processo censura o crescimento do espírito criativo por se voltar a premissas verdadeiras e universais.

está pautada na preocupação de encontrar o valor dessa verdade sobre a qual a vontade de verdade se funda, mas a verdade do valor que permeia a história do Ocidente (NIETZSCHE, *Frag. Pós.*, 1887-1889, (2012), p. 175).

Com a análise genealógica da moral é possível identificar o modo de valoração dominante no mundo ocidental. O objetivo nietzschiano do projeto genealógico da moral ocidental é colocá-la sob suspeita, para explicitar a base dos valores tomados como superiores. Pois, para Nietzsche, não existem valores nem fundamentos metafísicos, como quer o platonismo cristão (NIETZSCHE, *Humano, demasiado humano*, (2005), p. 16). Diante disso, afirma Nietzsche:

O que quer que tenha *valor* no mundo de hoje não o tem em si, conforme sua natureza – a natureza é sempre isenta de valor: – foi-lhe dado, oferecido um valor, e fomos *nós* esses doadores e ofertadores! O mundo que tem *algum interesse para o ser humano*, fomos nós que o criamos! (NIETZSCHE, *A Gaia Ciência*, (2012), p. 181, grifo do autor).

Os valores ocidentais, apesar de impedir o ser humano de reconhecer a vida como antagonismo de forças, são produto do ser humano, sendo preciso compreender como se constitui a afirmação das forças vitais que, na análise da interpretação moral, deve incluir o niilismo e a desvaloração dos valores supremos. Para tanto, é necessário considerar a negação das bases metafísicas da moral no Ocidente, entendendo o aniquilamento dos valores como proposta para a aceitação da vida, antagônica – e não estanque – a parâmetros superiores e imutáveis. Nesse itinerário, qual o valor dos valores erigidos no Ocidente? Como se dá a negação da metafísica? Para a resolução dessas indagações, faz-se necessário entender que a denúncia dos valores do Ocidente feita por Nietzsche vai à raiz, ao fundamento deles, como requer seu método genealógico.

Na *Genealogia da Moral*, o filósofo trabalha a moralidade dos aristocratas e dos escravos, findando por constatar o triunfo da moral dos escravos sobre a dos nobres, e mostrando que, pelo ressentimento, essa vencedora é, em sua gênese, produto do

ódio à vida, que induz suas forças a agir contra si mesmas e, num terceiro momento, declara falsa essa existência pela idealização de uma existência perfeita. Essa moral ressentida é apropriada pelo cristianismo (de herança platônica), que idealiza e substancializa a totalidade daquilo que os aristocratas se afirmavam ser, ou seja, enquanto os senhores afirmavam serem eles os bons, justos etc., os escravos invertiam esses valores e condenavam os nobres às qualidades que, na gênese dos valores, os transformavam em pobres, maus, transferindo para a instância ideal, metafísica, a totalidade da bondade, da justiça, da beleza... que, no cristianismo, é o próprio deus. Assim, chegamos à compreensão de que o Ocidente, tendo a religião judaico-cristã como base de sua constituição moral e cultural, tem seus valores sob um fundamento idealizado, deus.

A necessidade de o niilismo ativo negar toda imposição exterior à condição humana conduz a deus, por ele ser o parâmetro sob o qual as avaliações foram valoradas. A supressão, ou melhor, o aniquilamento de deus enquanto fundamento de metas e essências, é denominada: “morte de deus”, a fórmula de Nietzsche para a perspectiva que torna possível a interpretação moral para além da moral ocidental. Essa nova interpretação da moral fundada na existência terrestre, que se torna possível com a supressão de deus enquanto parâmetro de valoração, enfraquece as respostas metafísicas do problema da moral. De sorte que, com isso, passamos à investigação da metafísica nietzschiana, esta intimamente relacionada com o niilismo. Nas palavras de Heidegger (*A sentença nietzschiana*, (2003), p. 474):

Agora vale a meditação acerca da metafísica nietzschiana. Seu pensamento se vê sob o signo do niilismo. Este é o nome para um movimento histórico reconhecido por Nietzsche, que já transpassava preponderantemente o século passado e determina o nosso século. A interpretação desse movimento é sintetizada por Nietzsche através da curta sentença: “Deus está morto”.

Para melhor identificar o que pretende Nietzsche com a afirmação da morte de deus e, ainda mais, sua relação com o niilismo, é necessário nos deter em como é

posta em suas obras essa sentença, que aparece em sua obra, pela primeira vez, no aforismo 125 da obra *A Gaia Ciência*:

O homem louco. – não ouviram falar daquele homem louco que em plena manhã acendeu uma lanterna e correu ao mercado, e pôs-se a gritar incessantemente: “Procuro Deus! Procuro Deus!”? [...]. O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! Nós o matamos – vocês e eu. Somos todos seus assassinos” (NIETZSCHE, 2012, p. 137).

O anúncio da morte de deus declara arruinadas todas as estruturas metafísicas que até então sustentavam a moralidade. O elemento principal da morte de deus é a inversão que resulta na reversão dos valores, isto é, no fazer esses valores se voltar contra eles próprios no contramovimento do niilismo. A palavra “deus”, utilizada por Nietzsche, não se restringe à compreensão religiosa, antes, ela é o designativo para as ideias e os transcendentais¹⁷. Deus está morto: essa sentença revela o colapso da metafísica que deposita nele os conteúdos para além deste mundo. Eliminar o mundo sobrenatural é parte do desmonte da cultura e da moralidade ocidental. E isso é expresso por Nietzsche quando *o homem louco* de *A gaia ciência* indaga no mercado aos que ali estavam:

Que fizemos nós, ao desatar a terra do seu sol? Para onde se move ela agora? Para onde nos movemos nós? Para longe de todos os sóis? Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para frente, em todas as direções? (NIETZSCHE, *A Gaia Ciência*, (2012), p. 137).

¹⁷ A totalidade do ente para o cristianismo, deus, para Nietzsche ao invés de uma pessoa, é um designativo. “As metamorfoses do ente (corpos, deus, ideias, leis naturais, fórmulas etc.)” (NIETZSCHE, *Frag. Pós-t., 1885-1887*, (2013), p. 260).

Ora, se o mundo do supracensível perdeu sua força vinculativa, então, nada há em que o ser humano se possa agarrar, nada há no horizonte que o ser humano possa tomar por alvo, por meta, além do vazio de sentido (HEIDEGGER, *A Sentença Nietzscheana*, (2003), p. 479). Deus está morto, isso significa que está ausente o fundamento sobre o qual se erigiu o edifício dos supremos e absolutos valores morais da cultura ocidental.

Sendo o niilismo inerente à metafísica, ele se revela, com esse anúncio da morte de deus, como contramovimento no interior da própria metafísica, de sorte que esse contramovimento é possível quando é considerada a relação entre o valor dos valores do mundo ocidental e a metafísica. Assim, com Deus morto, toda meta fundada sob as categorias idealizantes de um mundo supra-sensível perde sua força vinculativa, de modo que a morte de deus é o designativo de tal perda. Assim, o que Nietzsche queria era desvincular a forma de valoração do Ocidente de toda realidade que não a do ser humano.

A morte de deus é a supressão do valor dos valores que mantêm a moral e a cultura ocidental dentro de um processo que desemboca, após a desconstrução dos alicerces da moral ocidental, na superação do ser humano e na transvaloração dos valores. Mas, nesse complexo conjunto da filosofia nietzschiana, é importante esclarecer como, com a morte de deus, a metafísica perde sua força vinculativa, pois “[o] âmbito para a essência e o acontecimento do niilismo é a metafísica mesma [...]” (HEIDEGGER, *A Sentença nietzschiana*, (2003), p. 482).

A metafísica para Nietzsche é o espaço no qual foram depositados os fundamentos firmados sob as categorias da razão, as quais criaram a dualidade entre o mundo sublime e o mundo efêmero, que condena a realidade do devir e configura, desse modo, a metafísica na qual se mantém o nada, no qual está contido deus, as ideias, os ideais, a lei moral, a lei divina. Diante disso, Heidegger indaga:

A pergunta levanta-se: para que esses valores supremos, se eles não são capazes de assegurar ao mesmo tempo a defesa, os caminhos e os meios de uma realização das metas colocadas por eles? (HEIDEGGER, *A sentença nietzschiana*, (2003), p. 484).

Com essa pergunta, Heidegger afirma a impossibilidade de adequação do mundo falso, do devir, ao mundo verdadeiro, das essências; é analisada, com isso, a inaplicabilidade da efetivação de todo conteúdo da metafísica ocidental, o que constitui, então, parte do processo de superação dessa metafísica em razão da descrença gerada por sua inaplicabilidade.

A morte de deus para Nietzsche é o designativo da saída de deus da posição de valor dos valores no mundo ocidental. A discussão do valor é necessária para compreender a metafísica da vontade de potência¹⁸, na qual seu princípio valorativo é fundamental para a discussão a respeito da história dos valores (HEIDEGGER, *A Sentença nietzschiana*, (2003), p. 513). Desse modo, esse princípio é aquele no qual a instauração dos valores é possível e, ao mesmo tempo, necessário para a transvaloração, ou seja, para Nietzsche a morte de deus e a desvalorização dos valores supremos são consequência da mentalidade decadente que resulta no niilismo, em que, no itinerário do processo de inversão dos valores, o niilismo precisa ser superado, para que seja possível a transvaloração.

Os valores “[...] expressam condições de conservação e crescimento” (NIETZSCHE, *Frag. Pósst.*, 1885-1887, (2013), p. 291), além de serem valorados por resultarem de avaliações que medem o valor, afirma Nietzsche: “[e]m toda vontade há um avaliar” (NIETZSCHE, 1884, *apud* HEIDEGGER, *A Sentença nietzschiana*, (2003), p. 498, grifo do autor). No mundo ocidental, estabilizar o ser diante do devir, desenhado pelos valores supremos e imutáveis, resulta da vontade de verdade, essa vontade de verdade que impede o ser humano de ser superado, de sorte que ela necessita ser reconhecida enquanto expressão da vontade de potência para que a nova instauração de valor seja possível. Assim, discutir o niilismo é simultaneamente tomar a desvalorização dos valores como passo determinante para a instauração de

¹⁸A expressão “metafísica da vontade de poder” é heideggeriana, e é introduzida para exprimir sua interpretação da filosofia de Nietzsche como distinta de toda metafísica tradicional e, no entanto, ainda como uma forma de pensamento metafísico, ou, nas palavras de Heidegger, “[...] a última época da metafísica” (HEIDEGGER, *A sentença nietzschiana*, (2003), p. 513). Isso é possível, segundo Heidegger, quando a vontade de potência é pensada como sendo aquilo inerente a todo ente, ou melhor, quando a essência do ente tem sua determinação na vontade de potência.

novos valores, o que caracteriza o ultrapassamento do niilismo e a transvaloração dos valores.

A vontade de potência para Nietzsche é uma tese central em sua filosofia, de modo que representa o assenhorear-se a si mesma da vontade enquanto reconhecimento de si, sendo, pois, ela a própria essência daquilo que se compreende como potência, dando forma ao eterno retorno do mesmo¹⁹ como atividade de afirmação das próprias forças do mundo. As avaliações que resultam da vontade de potência implicam uma nova instauração de valores, pois essas avaliações atribuem valor às coisas e contribuem para a elevação das forças no interior do ente; como escreve Nietzsche (*Frag. Póst., 1885-1887*, (2013), p. 291, grifo do autor), “os valores e sua transformação encontram-se em uma relação com o *crescimento do poder daqueles que estabelecem valores*”. Desse modo, percebe-se que é sob o espírito criador, que Nietzsche chama de arte, que a vontade de potência se produz como atividade avaliativa por excelência. É, pois, através da arte que a sentença deus está morto é desvelada no processo de superação do ser humano, sendo também, ao mesmo tempo, atividade antiniilista (NIETZSCHE, *Frag. Póst., 1887-1889*, (2013), p. 468).

Remetendo a essa relação entre o niilismo e a vontade de potência analisada na metafísica da vontade de potência, retomamos agora nossa afirmação de que a atividade genealógica de Nietzsche é uma tentativa de superação da metafísica, uma superação que se produz quando o niilismo é compreendido como exposto no aforismo 11 [99] de 1887, ou seja, quando o niilismo é compreendido como estado psicológico, em que, com a desvalorização das categorias da razão, a metafísica é então superada.

A metafísica da vontade de potência que Heidegger identifica em Nietzsche é pensada a partir do niilismo enquanto inerente aos valores supremos, de sorte que deus é morto mediante ao ser tomado nas avaliações enquanto valor supremo, campo no qual o niilismo atua. É dessa maneira que a sentença deus está morto é posta por

¹⁹ O eterno retorno é o que compreende uma nova medida de valor a partir da atividade circular de todas as coisas, as quais implicam a aceitação perene da realidade do devir, que configura o supramencionado retorno, sob o conceito de *amor fati*, e é, dessa forma, o desfecho para o problema da morte de deus.

Heidegger em sua leitura acerca do pensamento nietzschiano quando, tomando a história dos valores, toda discussão acerca da morte de deus se produz em função da análise da história dos valores, uma análise que parte da afirmação de Heidegger de que a morte de deus é uma consequência de deus ter sido tomado como valor supremo. Nas palavras de Heidegger:

O último golpe contra Deus e contra o mundo supra-sensível consiste no fato de Deus, o ente do ente, ser degradado a valor supremo. Não o fato de deus ser tomado como cognoscível, não o fato de a existência de Deus mostrar-se como indemonstrável é o golpe mais duro contra Deus, mas o fato de o Deus tomado por real ser elevado a valor supremo (*A sentença nietzschiana*, (2003), p. 519).

Isso nos mostra que Nietzsche não está preocupado com deus como pessoa, mas sim com sua consideração enquanto valor. Os valores são valorados por resultar de avaliações, avaliações essas que, além de resultar em valores, ao mesmo tempo correspondem à essência da verdade enquanto princípio de conservação que se produz no interior da vontade de potência. Desse modo, a instauração do valor em Nietzsche está relacionada com dois conceitos importantes: arte e verdade, ambos enquanto condição primeira da conservação e elevação das forças. Na discussão acerca do valor é possível perceber que a unidade que há entre os conceitos de arte e verdade é o que constitui seu alicerce.

[...] o problema da arte se desdobra sempre no horizonte problemático da relação arte-vida; finalmente, porque a arte é a única força superior a toda vontade de negar a vida é a única força que não somente percebe o caráter terrível da existência, mas que o vive e deseja vivê-lo (GUERVÓS, *O antiniilismo estético*, (2018), p. 14).

Pensar a arte no âmbito da filosofia de Nietzsche é compreendê-la para além de uma produção artística concreta, seja uma tela, escultura, música etc. Para que a

arte seja entendida nos termos de Nietzsche, é necessário que ela seja pensada junto ao espírito dionisíaco²⁰, esse espírito que experimenta a vida como ela é, entendendo-a como tragédia, e não fugindo diante de qualquer impotência na dinâmica do viver. A arte é afeição pela aparência enquanto intensificadora da vida por meio de sua aceitação: “[a] arte e nada além de arte! Ela é a grande possibilitadora da vida, a grande sedutora da vida, o grande estimulante da vida” (NIETZSCHE, *A gaia ciência*, (2012), p. 468). Ao mesmo tempo em que a vontade de potência corresponde ao que Heidegger entende como o ser do ente, ela, por seu caráter criador e instaurador do sentido, se produz como instauração de valores. De sorte que, o que está na constituição desses valores são as avaliações que, ao ser feitas, os valoram a partir do sentimento de conservação da vida e elevação de suas forças através do espírito de artista.

Arte e verdade constituem a “[...] unidade essencial da vontade de poder [...]” (HEIDEGGER, *A sentença nietzschiana*, (2003), p. 510), em que a vontade de potência se lança enquanto princípio valorativo. Porém, para compreender essa relação basilar presente na metafísica da vontade de potência é necessário tomar ciência de que, antes de tudo, esse colocar-se frente a uma nova instauração de valores é uma atividade que se produz posteriormente à superação da metafísica, bem como a possível, mas não necessariamente, superação do niilismo.

A experiência da morte de deus encontra lugar no projeto filosófico de Nietzsche quando a vontade de potência é entendida como princípio para uma nova instauração de valores que rompe, através do niilismo, com toda imposição que esteja para além da condição dos seres humanos e da realidade posta. Quando o ser humano se apropria daquilo que compõe seu próprio ser, a saber, a vontade de potência, ele está diante de sua própria superação, uma superação que se produz sob a tese da morte de deus enquanto ruptura com a herança dualista enraizada no platonismo cristianizado. Desse modo, diz-nos Nietzsche, “[a]bolimos o mundo verdadeiro: Que mundo restou? Talvez o mundo aparente?... Mas não! *com o mundo*

²⁰ Tal conceito indica a experiência dionisíaca que rompe com o princípio de individuação, esse o qual é a tentativa de unidade para o homem, a natureza, as oisas, que seguiriam uma harmonia que compreenderia o todo. Desse modo, o espírito dionisíaco é o impulso à vida mesma, ela enquanto composto de partes que não se conciliam e caracteriza tudo que é real, impulsionando-a a ser vivida ela mesma não a partir de qualquer princípio idealizado e metafórico, mas do próprio vir-a-ser que a constitui.

verdadeiro abolimos também o mundo aparente!” (NIETZSCHE, *Crepúsculo dos ídolos*, (2014), p. 30, grifo do autor). Com isso, a dualidade entre mundo verdadeiro e mundo falso é dissipada. Para que a relação entre esses mundos exista há uma dependência mútua que garante a ambos ser verdadeiro e ser falso, pois, um mundo é real ao mesmo tempo que há outro irreal, sendo assim, a aniquilação de um exige rigorosamente o fim do outro.

Nietzsche em *Assim falou Zaratustra*, no discurso intitulado *de mil e um objetivos*, apresenta o espírito do artista que cria valores pelas avaliações, tomando o processo de instauração de valores como a verdade do ente contido na vontade de potência que perpetua o processo de avaliar e criar.

Valores foi o homem que primeiramente pôs nas coisas, para se conservar – foi o primeiro a criar sentido para as coisas, um sentido humano! Por isso ele se chama “homem”, isto é, o estimador. Estimar é criar: escutai isso, ó criadores! O próprio estimar é, de todas as coisas estimadas, o tesouro e a joia. Apenas através do estimar existe valor: e sem o estimar seria oca a noz da existência. Escutai isso, ó criadores! Mudança nos valores – isso é mudança nos criadores. Quem tem de ser um criador sempre destrói (NIETZSCHE, 2018, p. 56 – 57).

Os valores não têm fundamento que não o próprio ser humano, e isso se produz enquanto expressão da vontade de potência em conservar e expandir suas forças. O mundo ocidental criou valores, criou sentidos, criou metas, criou alvos... essas criações, diante do nada de querer, são preferíveis à ausência de todo querer (NIETZSCHE, *A genealogia da moral*, (2009), p. 80). Isso ocorre por tais sentidos criados pela cultura ocidental serem, ainda, uma forma da vontade de potência. Mediante isso, Nietzsche busca inverter a forma como foram valorados os sentidos do mundo ocidental, por meio da transvaloração da moral, o que, para que seja efetivado, necessita de duas superações, as quais regidas pela doutrina do eterno retorno, a superação da desvalorização dos valores vigentes e a superação do próprio ser humano.

Esse itinerário do projeto filosófico de Nietzsche, partindo de sua atividade genealógica, nos mostra como, de acordo com ele, o niilismo atravessa todas as fases da história dos valores no mundo ocidental. A *genealogia* de Nietzsche constitui um esforço de superação da metafísica, na qual são mantidos os valores engendrados através da vontade de verdade no empenho de responder às necessidades de conservação da existência. Porém, a filosofia de Nietzsche não se resume à desconstrução dos valores, ela se desdobra, da criação desses valores à criação de novos valores, sob uma nova lógica.

No fragmento póstumo 11 [411] Nietzsche apresenta o niilismo numa espécie de prólogo a seu empreendimento intelectual, posteriormente publicado sob o nome de *A vontade de potência*. Nele, o filósofo inicia narrando como o niilismo avança nos séculos seguintes, por meio de um pequeno relato autobiográfico, apresentando, ao final desse fragmento, o movimento do niilismo como restrito a um tempo, pois sua superação é necessária para o surgimento de novos valores.

Pois as pessoas não se enganam sobre o sentido do título com o qual esse evangelho do futuro quer ser designado. “*A vontade de poder. Tentativa de uma transvaloração de todos os valores*” – com essa fórmula expressa-se um *contramovimento* que tange ao princípio e à tarefa: um movimento perfeito; mas que pressupõe esse *niilismo*, lógica e psicologicamente, que não pode surgir senão *com vistas a ele e a partir dele*. Pois por que a ascensão do niilismo é a partir de agora necessária? Porque os nossos próprios valores é que retiram nele a sua derradeira consequência; porque o niilismo é a lógica pensada até o fim de nossos grandes valores e ideais – porque precisaremos primeiro vivenciar o niilismo, para que cheguemos a descortinar qual era propriamente o *valor* desses “valores”... Algum dia teremos a necessidade de *novos valores*... (NIETZSCHE, *Frag. Póst.*, 1887-1889, (2012), p. 174-175, grifo do autor).

Nessa abordagem da forma como o niilismo atuaria no interior dos valores ao longo de toda a história, Nietzsche pressupõe a ascensão do niilismo em vista da concretização de seu projeto de superação dos valores, pois esse niilismo deve avançar até a desvaloração dos grandes valores, de sorte que, com a morte de deus

é revela a possibilidade de, como parte de *Assim falou Zaratustra*, superar o niilismo (MARTON, *Nietzsche e a arte de decifrar enigmas*, (2014), p. 124-125).

Assim como a concretização do niilismo, movimento determinante para constituição de todo o quadro axiológico conhecido pelo mundo ocidental, também sua superação é parte do itinerário filosófico de Nietzsche rumo a transvaloração de todos os valores morais. Assim, para elucidar essa inversão dos valores, precisamos abordar os requisitos para a superação do niilismo e como ela pode ser efetivada, dado seu caráter contingente e, conseqüentemente, sua não necessidade de ser. É o que examinaremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2: A SUPERAÇÃO DO NIILISMO E A TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES

2.1. O ETERNO RETONO COMO RESPOSTA AO PROBLEMA DA MORTE DE DEUS

Para examinar o eterno retorno, tomamos o texto *Assim falou Zaratustra*, pois nessa obra Nietzsche toma como ponto de partida temas fundamentais de seu pensamento, com destaque à doutrina do eterno retorno que será o conceito base desta unidade e chave para a leitura do *Zaratustra*:

Nos atributos a que Zaratustra recorre para apresentar-se encontram-se os temas centrais da filosofia nietzschiana da maturidade: a superação do niilismo e o projeto de transvaloração dos valores, o conceito de vontade de potência e a doutrina do eterno retorno, o caráter dionisíaco da existência e a ideia de *amor fati* (MARTON, *Nietzsche e a arte de decifrar enigmas*, (2014), p. 120).

O eterno retorno como base fundamental de *Assim falou Zaratustra* atravessa a obra de Nietzsche por meio dos discursos e vivências de Zaratustra. Após seu êxodo na caverna onde permaneceu por dez anos, Zaratustra anuncia em seus discursos a necessidade de superação do ser humano. Na obra, Zaratustra inicia seus discursos colocando-se como aquele que anuncia o super-homem, de modo que, mais adiante, ele se converte em mestre da doutrina do eterno retorno (MARTON, *Nietzsche*, (2014), p. 114-115).

Nietzsche observa que a leitura do mundo feita a partir da metafísica foi responsável pelo distanciamento do ser humano em relação à terra. Porém, deus morreu, e com ele a interpretação metafísica do mundo. Trata-se agora, com isso, de aproximar o ser humano da terra. Essa reconciliação na filosofia de Nietzsche se efetiva a partir da inversão da medida pela qual as avaliações são valoradas. Desse modo, Nietzsche apresenta o eterno retorno enquanto conceito que responderia à necessidade do ser humano de afirmar o mundo terrestre como medida para pesar as

avaliações. Esse processo de enaltecimento do mundo inverte a forma de valoração, pois a concepção vigente no mundo ocidental foi alicerçada na negação e na fragmentação do mundo e das coisas terrestres.

Desejar o eterno retorno vai de encontro às concepções que enaltecem uma vida perfeita em detrimento da vida mesma. Se em Sócrates a vida é desprezada por não promover verdade em seu conteúdo, em Nietzsche, por meio da concepção de eterno retorno, a vida é enaltificada e abraçada em todas as suas dimensões. Afirmar a vida a ponto de desejar que ela retorne infinitamente é a ideia que se contrapõe a toda postulação da metafísica ocidental.

Nietzsche concebe o eterno retorno em um passeio próximo as montanhas em Sils Maria, Suíça, em 1881; de sorte que o eterno retorno na obra de Nietzsche aparece pela primeira vez em *A Gaia Ciência*, mais especificamente na primeira versão do quarto livro no ano 1882. A abordagem do eterno retorno no final de *A gaia ciência* anuncia o conteúdo fundamental dos anúncios da obra *Assim falou Zaratustra*, antecipando, com isso, o que constituiria o fundamento de seus discursos; deixando clara a chave de leitura que deve acompanhar toda a análise da obra. Esse esclarecimento se sustenta nos próprios textos de Nietzsche, seja por meio da própria *Gaia Ciência* seja por meio da autobiografia de sua vida e obra, o *Ecce Homo*.

A “*gayascienza*” é desse íterim e dá mil indícios da proximidade de algo incomparável; por fim, ela dá também o princípio do Zaratustra, ela dá o pensamento final de Zaratustra na penúltima peça do quarto livro... (NIETZSCHE, *Obras escolhidas: Ecce Homo*, (2016), p. 416, grifo do autor).

Trazendo no final de *A Gaia Ciência* seu pensamento mais abissal, Nietzsche irá desenvolver, na figura de Zaratustra, como o eterno retorno se produz enquanto atividade afirmativa da própria dinâmica do viver. De sorte que examinaremos a doutrina do eterno retorno unido ao projeto de transvaloração dos valores. Pois, é através dessa relação que a ideia do eterno retorno ganha sentido completo. Nas palavras de Scarlet Marton:

Ora, estamos prontos a defender a ideia de que *o protagonista central e a concepção básica do livro só ganham pleno sentido se relacionados com o projeto de transvaloração de todos os valores* (Nietzsche, (2014), p. 123, grifo nosso).

O significado que o eterno retorno tem na filosofia de Nietzsche está relacionado ao valor no qual as valorações são alicerçadas. É no eterno retorno que se configura o novo parâmetro da avaliação, Nietzsche em *A Gaia Ciência* designa esse novo horizonte para os valores como o “maior dos pesos”, ou seja, toma o eterno retorno como a nova medida para valorar, para criar valores:

E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: “Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, haverá de novo ela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem – e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente – e você com ela, partícula de poeira!”. – você não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: “Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!”. Se esse pensamento tomasse conta de você, tal como você é, ele o transformaria e o esmagaria talvez; a questão em tudo e em cada coisa, “Você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?”, pensaria sobre os seus atos como o maior dos pesos! Ou o quanto você teria de estar bem consigo mesmo e com a via, para não *desejar nada* além dessa última, eterna confirmação e chancela? (NIETZSCHE, *A gaia ciência*, (2012), p. 205, grifo do autor).

A efetividade do eterno retorno marca o enfrentamento ao niilismo. De sorte que, após a morte de deus, o eterno retorno é responsável pelo confronto com o desgaste e do cansaço ocasionado pelo niilismo. Frente ao niilismo, o eterno retorno ocupa o centro das novas avaliações de valor; ou seja, o infinito movimento cíclico de retorno ao que se é passa a ser a forma das valorações, após o processo niilista de negação da realidade resultante do cansaço de existir.

O percurso de Zaratustra, mestre do eterno retorno, se inicia com o conhecimento da morte de deus. E constitui, com isso, o processo de ultrapassamento do niilismo. Se antes os valores eram sustentados na negação da realidade – niilismo

–, agora, após o aniquilamento da negação da realidade, se alude à criação de novos valores.

Zaratustra, no início da obra, anuncia que o ser humano deve ser superado (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, (2018), p. 12), nesse sentido, ele encoraja aqueles que o escutavam a se manter fieis à terra. Esse processo de se volver à terra é parte do procedimento de inversão da forma de valorar. Se na forma de valorar do mundo ocidental o delito se instala no agir contra as respostas universais ao problema da vida, com o eterno retorno, delinquir é o ataque às coisas terrenas. Desse modo, Nietzsche apresenta o ser humano a partir de sua transitoriedade, que se encerra no tipo superior de ser humano, o super-homem:

Vede, eu vos ensino o super-homem! O super-homem é o sentido da terra. Que a vossa vontade diga: o super-homem *seja* o sentido da terra! Eu vos imploro, irmãos, *permanecei fieis à terra* e não acrediteis nos que vos falam de esperanças supraterras! São envenenadores, saibam ele ou não (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, (2018), p.13, grifo do autor).

A superação do ser humano que Nietzsche afirma ser necessária no processo de inversão dos valores é apresentada a partir do rompimento com a tradição moral do mundo ocidental. Dessa forma, *Assim falou Zaratustra* se inicia com o conhecimento de que deus está morto, conseqüentemente, a dualidade de mundo na qual está sustentada a forma de valorar e dar sentido do mundo ocidental perde sua força vinculativa. É por meio do conhecimento da morte de deus que Zaratustra busca suprimir a instância na qual os valores foram mantidos. Assim, com deus morto, Zaratustra chama atenção para o ser humano, para a terra, para o mundo das coisas; de modo que, desde o prefácio da obra, o autor eleva o ser humano, que é o solo no qual a nova forma de valoração se produz:

Amo todos aqueles que são como gotas pesadas, caindo uma a uma da negra nuvem que paira sobre os homens: eles anunciam a chegada do raio, e como arautos aparecem. Vede, eu sou um arauto do raio e uma pesada gota da nuvem: mas esse raio se chama super-homem (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, (2018), p. 16).

Quanto ao anúncio do super-homem, Nietzsche, no primeiro livro de *Assim falou Zaratustra*, associa o anúncio da superação do ser humano e o abandono da interpretação moral do mundo ocidental; com isso, o *Zaratustra* busca o rompimento com a tradição, apresentando o distanciamento do ser humano enquanto ponte para o super-homem e a forma de seu tempo de avaliar do mundo ocidental.

Em *Dos desprezadores do corpo*, quarto discurso de Zaratustra no primeiro livro, Nietzsche alude ao modo como se produz a dicotomia entre o corpo e a alma, a qual é o molde dos sentidos erigidos na história ocidental, ao mesmo tempo em que, rompendo com essa tradição, indica a vereda pela qual a superação do ser humano se encaminha, a saber, o resgate da relação que foi esquecida por aqueles que desprezam o corpo, relação essa entre o ser humano e a terra, ou antes, entre o ser humano e a realidade do devir. Com isso, Zaratustra objetiva o fim dessa dicotomia entre o corpo e a alma, pois é nela que se sustenta a cristalização do eu²¹ em sua individualidade.

Mas o desperto, o sabedor, diz: corpo sou eu inteiramente, e nada mais; e alma é apenas uma palavra para um algo no corpo. O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor. Instrumento de teu corpo é também tua pequena razão que chamas de “espírito”, meu irmão, um pequeno instrumento e brinquedo de tua grande razão (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, (2018), p. 33).

“Enquanto concepções metafísico-religiosas, a alma e o eu, mas também o espírito, a razão e a consciência, inscrevem-se num mesmo registro teórico” (MARTON, *O eterno retorno*, (2016), p. 14). Essas dimensões cristalizadas na discussão metafísica são ferramentas do corpo, numa espécie de mecanismo de aumento da potência. Com isso, recorrendo à atividade genealógica, Nietzsche mostra que os valores sob essa lógica que reduz o corpo às qualidades da alma,

²¹ A expressão “eu”, para Nietzsche, está vinculada à metafísica, a um encadeamento lógico que reduz à unidade a multiplicidade da experiência da vida. “As críticas de Nietzsche às noções de eu denunciam que estas estão ligadas a dogmas e preconceitos metafísicos, epistêmicos e, sobretudo, lógicos” (MARTON, *Dicionário Nietzsche*, (2016), p. 219).

objetivam a cristalização de um “eu” que se sustenta na metafísica. Esses instrumentos que servem para fortalecimento da individuação por meio do desprezo ao corpo são um mecanismo do próprio corpo.

Para aqueles que desprezam o corpo, a dinâmica do viver se molda numa forma de enaltecimento do próprio eu. Consequentemente, o niilismo passa a operar como negação da própria realidade, da realidade do corpo, do devir. Desse modo,

Aos desprezadores do corpo tenho algo a dizer. O fato de desprezarem constitui o seu prezar. O que foi que criou o prezar e o desprezar, o valor e a vontade? O Si-mesmo criador criou para si o prezar e o desprezar, criou para si o prazer e a dor. O corpo criador criou para si o espírito, como uma mão de sua vontade. Ainda em vossa tolice e desprezo, vós, desprezadores do corpo, atendeis ao vosso Si-mesmo. Eu vos digo: vosso próprio Si-mesmo quer morrer e se afastar da vida (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, (2018), p. 34).

Por fim, Zaratustra, anunciador da afirmação incondicional de todo acontecer, mostra que o processo de transição do ser humano não se instala nesse tipo desprezador, mas pelo contrário, rompe com a doutrina de enaltecimento das estruturas fixas e estanques que constituem a permanência do eu em sua individualidade. Essa concepção gerada pelos que desprezam o corpo impede o crescimento da potência do ser humano no processo de superação de si mesmo, pois, como Zaratustra diz aos desprezadores: “[v]osso Si-mesmo (corpo) quer perecer, e por isso vos tornastes desprezadores do corpo! Pois não sois capazes de criar para além de vós.” (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, (2018), p. 34). Desse modo, Zaratustra explicita o afastamento do processo de superação do ser humano que é produzido no desprezo do corpo: “[n]ão seguirei vosso caminho, desprezadores do corpo! Não sois, para mim, pontes para o super-homem!” (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, (2018), p. 34). Com isso, o anúncio de Zaratustra se instala na busca pela proliferação da necessidade de superação do ser humano, rompendo com a dicotomia que rege a forma de dar sentido no mundo ocidental. Assim, Zaratustra propõe a aproximação da forma de valorar com a vontade de potência como parte do processo de inversão valorativa, que se produz no abandono do solo metafísico no qual os

valores ocidentais foram erigidos, posteriormente, se firmando numa eterna afirmação da necessidade de como as coisas acontecem no mundo.

Porém, mesmo precedido pelo anúncio do super-homem, o eterno retorno ocupa em *Assim falou Zaratustra* o principal tema da obra (NIETZSCHE, *Obras escolhidas: Ecce Homo*, (2014), p. 415). No eterno retorno se configura o novo peso pelo qual serão medidos os valores. Em *Ecce Homo*, no trecho dedicado à obra *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche conceitua o eterno retorno como uma infinita repetição de tudo, na qual se produz um movimento cíclico de repetição que envolve todas as coisas. Entre os anos de 1881 e 1888, Nietzsche sustenta a hipótese do eterno retorno como reflexão científica. Porém, neste momento, a nossa pesquisa se concentra na análise do eterno retorno a partir de *Zaratustra*, em que, no terceiro livro, o eterno retorno é definido por meio dos dizeres dos animais que o ladeavam em sua caverna: “Tudo vem, tudo retorna; rola eternamente a roda do ser. Tudo morre, tudo volta a florescer, corre eternamente o ano do ser” (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, (2018), p. 208).

“Ah, o homem retorna eternamente! O pequeno homem retorna eternamente!” (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, (2018), p. 210). O eterno retorno define a mais elevada forma de afirmação de todas as coisas, que se produz na aceitação perene de todos os acontecimentos num eterno voltar ao ser. O eterno retorno é o conteúdo mais abissal do anúncio de *Zaratustra*, de sorte que cantam os animais: “[...] ó *Zaratustra*, quem tu és e tens de tornar-te: eis que és o mestre do eterno retorno – é esse agora o teu destino!” (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, (2018), p. 211). E após afirmar que ele é o mestre do eterno retorno, os animais explicitam a forma como se produz a definição do conceito que perfaz todo o conteúdo dos ensinamentos de *Zaratustra*:

Vê, sabemos o que ensinas: que todas as coisas eternamente retornam, e nós mesmos com elas, e que eternas vezes já estivemos aqui, juntamente com todas as coisas. Ensinas que há um grande ano do vir-a-ser, uma monstruosidade de grande ano: tal como uma ampulheta, ele tem de virar sempre de novo, a fim de novamente escorrer e transcorrer: – de modo que todos esses anos são iguais a si mesmos, nas coisas maiores e também nas menores – de modo que nós mesmos somos iguais a nós mesmos em cada grande ano,

nas coisas maiores e também nas menores (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, (2018), p. 211).

O desafio que se coloca diante da afirmação incondicional de uma eterna repetição de todas as coisas diz respeito à inclusão do niilismo nessa mesma atividade cíclica de repetição, passando, pois, pelo *amor fati* como maneira de, diante do niilismo e frente à dinâmica do viver, aceitar que todas as coisas se repetem eternamente. Desse modo, a doutrina do eterno retorno perpetua cada instante dos acontecimentos, configurando, então, o eterno vir-a-ser.

Assim, no projeto transvalorativo da filosofia de Nietzsche, o eterno retorno é a solução apresentada pelo filósofo para o problema que representa a sentença “deus está morto”, que se produz através tanto da desvalorização dos valores quanto, e consequentemente, da expansão da negação do niilismo (MARTON, *Dicionário Nietzsche*, (2016), p. 2013). Com isso, a partir da resposta à morte de deus por meio da doutrina do eterno retorno, a próxima unidade de nossa pesquisa vai examinar a superação do niilismo e, em seguida, a transvaloração dos valores.

2.2. A SUPERAÇÃO DO NIILISMO

Concentramos agora nossa análise na superação do niilismo como o processo de afirmação do devir e de toda realidade, que deve ser efetivado por um tipo superior de ser humano, o super-homem precedida pela doutrina do eterno retorno do mesmo. O projeto filosófico de Nietzsche busca vias de libertação do ser humano do grande cansaço de existir que configura a criação dos sentidos que separaram o ser humano da afirmação de todo acontecimento como a forma da afirmação da vontade de potência no engendramento de novos valores. A superação do niilismo num processo de compromisso do ser humano consigo mesmo se estabiliza a partir da afirmação da morte de deus como maneira de atravessar a moral ocidental, consolidada na negação dos acontecimentos que configuram o mundo.

Para tanto, é importante a análise de *Assim falou Zaratustra*, pois nela, Zaratustra

dando-se conta da morte de Deus, suprime o solo mesmo a partir do qual se punham os valores. Perfaz assim a travessia do niilismo, indispensável ao projeto de transvaloração, para chegar a um dionisíaco dizer-sim ao mundo. Falando em favor da vida, do sofrimento e do círculo, aponta a íntima relação entre a vida enquanto vontade de potência, o sofrimento enquanto parte integrante da existência e o círculo enquanto infinita repetição de todas as coisas (MARTON, *Nietzsche e a arte de decifrar enigmas*, (2018), p. 120).

Com isso, damos continuidade à discussão acerca da superação do niilismo, à luz da seguinte hipótese: o ser humano, após a experiência da morte de deus, encontra na superação do niilismo, vinculada à doutrina do eterno retorno do mesmo, a afirmação dos acontecimentos como componente do eterno vir-a-ser que – por meio do amor ao destino – aceita a necessidade do eterno passar que compõe a própria existência em um processo de retorno às condições de valorar sob o reconhecimento das tensões que moldam a própria experiência da vida; é sob esse pano de fundo que se ergue a nova instauração axiológica do mundo ocidental.

Retornando à tese da superação do niilismo, Nietzsche, em *Assim falou Zaratustra*, toma o grande cansaço de existir como problema vinculado à incapacidade do niilista de criar novos sentidos e metas. Esse cansaço, Nietzsche descreve como:

Não-mais-querer e não-mais-estimar e não-mais-criar! Ah, fique sempre longe de mim esse grande cansaço! Também no conhecer sinto apenas o prazer de gerar e vir a ser de minha vontade; e, se há inocência em meu conhecimento, isso ocorre porque há nele vontade de gerar. Para longe de Deus e dos deuses me atraiu essa vontade; que haveria para criar, se houvesse – deuses! (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, (2018), p. 82).

A superação do niilismo deve atravessar o cansaço de existir, pois é ela que dá forma à negação de toda sistematicidade para os acontecimentos, estando no super-homem a configuração afirmativa que deve negar a moral ocidental e engendrar, por meio da vontade de potência, novos valores e sentidos. Desse modo, a morte de Deus como parte do itinerário de superação do ser humano é passo determinante para a superação do niilismo, ao passo que o ser humano, diante das novas avaliações por meio da perene aceitação e reconhecimento da inconstância do devir, tornam possível criar os valores para além da moral do mundo ocidental. Assim, a superação do niilismo e do ser humano, a partir do conceito de super-homem se efetiva na transvaloração dos valores.

Sendo assim, é necessário observar que, no exame da superação do niilismo, para Nietzsche, o pior mal é o nada de sentido, de meta, de valor (NIETZSCHE, *A genealogia da moral*, (2009), p. 80). Mediante o horror ao vácuo, o ser humano engendrou seus próprios valores como fuga do nada de sentido. Porém, os valores instaurados pela moral ocidental são niilistas, ou seja, desvalorizam-se eles mesmos através do contramovimento do niilismo, que se efetiva no seio da metafísica.

O ser humano privado de sentido e, após a desvalorização dos valores do mundo ocidental, está diante do nada de essência, de meta; ele fica sujeito ao desespero e, diante do vazio, retoma no sagrado a busca pelo sentido²². A morte de Deus, apogeu

²² Nietzsche alude quanto a isso quando se remetendo à figura de Buda. Em que, o homem carente de sentido, mesmo tendo renunciado a metafísica como instância perfeita, posto sob o vazio de sentido, retorna ao sagrado na busca por finalidade para a existência. Nas palavras do filósofo: “*Novas lutas*.”

da negação da metafísica, deve constituir o niilismo ativo como processo no qual são desvalorados os valores, os sentidos, as metas e os fins não humanos; a morte de Deus se torna critério de afirmação da totalidade da realidade, do ser humano, do vir-a-ser...

Caracteriza então Nietzsche:

– *isso é por si mesmo um niilismo, e, em verdade, o mais extremo. Ele coloca o valor das coisas precisamente no fato de que não corresponde, nem correspondia a esse valor nenhuma realidade, mas apenas um sintoma de força por parte dos que estabeleceram o valor, uma simplificação com a finalidade da vida* (NIETZSCHE, *Frag. Pós.*, 1885-1887, (2013), p. 290, grifo do autor).

O que torna possível ao niilismo ser parte do processo de aceitação da vida é seu caráter ambíguo que expressa, ao mesmo tempo, declínio e estímulo da potência, ou seja, o niilismo pode ser superado, mas não necessariamente é superado. Enquanto desvalorização dos sentidos, o niilismo é o signo da decadência; sua superação é um passo indispensável para a transvaloração dos valores por meio da vontade de potência e seu caráter criador.

Pensar a ambiguidade do niilismo nos conduz a uma outra tensão, essa que configura a realidade. Para Nietzsche a realidade é devir, não ao molde hegeliano, para o qual a oposição não é propriamente contradição, mas reconhecimento a partir da própria diferença, e sim, sob a perspectiva da constante contradição, da luta desenfreada entre os combatentes (as forças em tensão). É no reconhecimento do devir e na tensão permanentemente nele presente que a realidade deve ser compreendida²³. A vontade de potência é sempre tensão de forças que jamais se

–Depois que Buda morreu, sua sombra ainda foi mostrada numa caverna durante século – uma sombra imensa e terrível. Deus está morto; mas, tal como são os homens, durante séculos ainda haverá cavernas em que sua sombra será mostrada. – Quanto a nós – nós teremos que vencer também a sua sombra” (NIETZSCHE, 2012, p. 126, grifo do autor).

²³ No discurso de Zaratustra intitulado *Da guerra e dos guerreiros*, Nietzsche expõe de maneira paródica, como é típico da obra, esse mencionado combate, no qual desenha o movimento característico da vontade de potência e da tragédia, de sorte que seu reconhecimento e o amor por tal é a forma pela qual o homem supera o niilismo, isso através aceitação da vida.

conciliam; ela deve ser compreendida como antagonismo que deve, com isso, caracterizar o eterno retorno do mesmo.

Compreender o eterno retorno do mesmo é tomar a vontade de potência como a própria atividade de retornar enquanto reconhecimento e afirmação desse mesmo. A vontade de potência põe o ser humano diante da multiplicidade constitutiva da realidade, ou seja, a vontade necessita ser reconhecida nela mesma como o antagonismo de forças que ela é. Isso se aplica na observação de Nietzsche de que a vontade de potência exige o eterno retorno (NIETZSCHE, *Frag. Pós.*, 1885-1887, (2013), p. 173).

As categorias da razão surgem a partir da ausência de sentido na busca de dar fim à falta de sentido, conjecturando a pluralidade que caracteriza todo o real em unidade e preferindo a essência em relação à aparência, moldando, com isso, como se produz as instaurações de valores a partir da determinação ocasionada por tais categorias; de sorte que, retornando infinitamente ao que se é, oposição e antagonismo de forças que lutam entre si por dominação e expansão, é que o ser humano supera tanto a forma de valorar que provém destas categorias quanto a si mesmo.

Narrar o processo de superação do ser humano é narrar também a superação do niilismo, de modo que apenas o sujeito que reconheceu o niilismo é aquele que também o pode superar. A superação do ser humano é uma atividade interna, e não alheia a ele mesmo. Não se excluindo da necessidade de sua própria superação, Nietzsche intitula-se o primeiro niilista, aquele que se autossuperou

“[...] como o primeiro niilista perfeito da Europa que, porém, já viveu em si até o fim do próprio niilismo – que o deixou para trás de si, sob si, fora de si...” (NIETZSCHE, *Frag. Pós.*, 1887-1889, (2012), p. 174).

O niilismo é um acontecimento da história e também do ser humano, de modo que a superação do niilismo é efetivada quando o espírito criativo é afirmado enquanto princípio instaurador de sentido. Desse modo, pode-se compreender a arte como atividade para o fim do niilismo, que torna possível viver a realidade e a necessidade

dos acontecimentos da forma como eles se produzem, além de intensificar a força de vivê-los; ela deve, por isso, ser caracterizada como antiniilismo estético.

A arte como a única força contrária superior em relação a toda vontade de negação da vida, como o elemento anticristão, antibudista, antiniilista *par excellence* [por excelência] (NIETZSCHE, *Frag. Pós.*, 1887-1889, (2012), p. 468, grifo do autor).

O niilismo no interior dos valores atua como contramovimento; em relação à arte, que é expressão da aceitação da vida, o niilismo se produz como movimento contrário, ou seja, o niilismo não se produz como atividade de aceitação, como acontece com a arte, mas como signo de empobrecimento das forças de afirmação da vida. Na arte isso acontece quando a verdade do ente é tomada pelo espírito de artista, passando à instauração de sentidos e valores. Enquanto o niilismo é signo de corrosão dos valores, a arte enquanto expressão da vontade de potência é o espírito impulsionador à vida que cria, valora e dá sentido. A arte é movimento antiniilista, ela é toda afirmadora da vida. Desse modo, a arte é “[...] contramovimento futuro que substituirá esse niilismo, mesmo se o pressuponha como necessário” (GUERVÓS, *O antiniilismo estético*, (2018), p. 17).

A superação do niilismo é o que deve se seguir da queda dos valores supremos e imutáveis. Superar o niilismo é uma atividade na qual se reconhece a necessidade de instauração de novos valores, os quais devem dizer respeito à vontade de potência que, em si, é plena aceitação daquilo que se é. Em tal processo, por se tratar da criação de valores por meio da avaliação que constitui a verdade, a arte e a verdade como princípios de conservação e elevação da potência são a pura expressão da vontade de potência nessa atividade do niilista de superar o próprio niilismo. A superação do niilismo é possível não apenas quando os valores são suspensos, mas quando o ser humano reconhece a necessidade de superar essa suspensão dos valores, pois os valores supremos foram desvalorados, sendo agora necessária uma nova forma de valoração, para além da que constituiu a moral ocidental. Na arte, pura criatividade, o ser humano encontra a forma mais próxima de criar através da vontade de potência, pois, o “[n]iilismo é a conscientização da longa *dissipação* de força, a

agonia do ‘em vão’, a insegurança da falta de oportunidade de descansar [...]” (NIETZSCHE, *Frag. Póst.*, 1887-1889, (2012), p. 36, grifo do autor).

Como visto na primeira sessão de nosso trabalho, a criação dos valores supremos resulta da vontade de conservação da existência, da vontade de verdade que apresenta características que fixam o ser humano em sentidos estáveis diante da complexidade da dinâmica do viver, de sorte que o niilismo é, para esses valores supremos, a derrocada de sua valoração, ao mesmo tempo em que é sinônimo de dissipação de forças, enfraquecimento, agonia... É como oposição a esses sentimentos que a criatividade da arte se põe diante do ser humano, criando e valorando a partir da vida, reconhecendo-a como tragédia. Observa Nietzsche, ao se referir à arte como refúgio do horror do vácuo de sentido: “[a] aniquilação dos ideais, o novo deserto, as novas artes para suportá-lo, nós, *anfíbios*” (*Frag. Póst.*, 1885-1887, (2013), p. 261, p. grifo do autor). Assim, o espírito de artista é o sentimento no qual o ser humano se coloca diante da vida mesma, da multiplicidade, do caráter plástico de toda a existência. “*Cunhar no devir o caráter do ser – essa é a mais elevada vontade de poder*” (NIETZSCHE, *Frag. Póst.*, 1885-1887, (2013), p. 260, grifo do autor).

A vontade de potência se produz sempre como reconhecimento da multiplicidade constituinte do ser, de sorte que, efetivar esse reconhecimento é retornar ao ser do ente reconhecido. “*Que tudo retorna é a aproximação mais extrema de um mundo do devir ao mundo do ser: ápice da consideração*” (NIETZSCHE, *Frag. Póst.*, 1885-1887, (2013), p. 260, grifo do autor). Assumir a arte e a postura de ser criador como movimento contrário ao niilismo, com a finalidade de o superar, é o que ilustra Zaratustra, em seu discurso das três metamorfoses (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, (2018), p. 25 – 27).

No discurso das transmutações emitido por Zaratustra, a postura do niilista é apresentada diante dos valores e do que se segue a esses valores. Diz o autor: “[t]rês metamorfoses do espírito menciono para vós: de como o espírito se torna camelo, o camelo em leão e o leão, por fim, criança” (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, (2018), p. 25). O espírito de camelo carrega passivamente um peso imputado a ele. Esse espírito é aquele em que as obrigações atuam como princípios do dever. O camelo é o reflexo do ser humano piedoso que, sob a iluminação da tradição, vive os valores e sentidos da cultura. Porém, é a partir da conformação do camelo que é possível um movimento contrário, haja vista a oposição ser uma condição relacional.

Assumir a segunda transmutação para a forma de leão, é tomar conhecimento de sua liberdade diante do peso que lhe é imputado pelo grande dragão que obriga ao dever os homens com espírito de camelo. Porém, o forte rugido do leão que soa como um grande não configura a conquista da liberdade frente aos valores da cultura. De modo que, Zaratustra anuncia ainda outra metamorfose, esta, a metamorfose em espírito de criança. Assim, é oportuno indagar qual o motivo de deixar o espírito feroz do leão pela forma de uma criança. A importância da última transmutação se dá pela inocência e pela característica criativa da criança. Após o abandono daquela carga alheia que o camelo é destinado carregar sob a forma de uma deontologia, o reconhecimento da necessidade de dizer um forte não, e a consequente conquista de sua liberdade, precisam aderir ao espírito de criança para superar a oposição leonina ao grande dragão e, a partir daí, por meio da criatividade e inocência da criança, engendrar seus novos sentidos, sua própria carga (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, (2018), p. 26).

Tendo, pois, fugido da carga imposta através da altivez do felino e aderido à inocência da criança, o ser humano se abre ao novo começo em que ele é para si mesmo o próprio reconhecimento, enquanto espírito livre, artista, “santa afirmação”. Concluindo esse discurso, Zaratustra, com o intuito de esclarecer através dessa metáfora o processo de superação do ser humano, passa, antes de iniciar a instauração de novos sentidos, pela superação do niilismo. Diz o autor:

Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesmo, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim. Sim, para o jogo da criação, meus irmãos, é preciso um sagrado dizer-sim: o espírito quer agora *sua* vontade, o perdido para o mundo conquista *seu* mundo (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, (2018), p. 26, grifo do autor).

Superar o niilismo é a possibilidade de instauração da nova tábua de valores, uma vez que é na metafísica que se dá o acontecimento do niilismo (HEIDEGGER, *A sentença nietzschiana*, (2003), p. 482), de sorte que, para que sejam engendrados os valores para além da moral, é necessário que o niilismo seja finalmente superado. Essa possibilidade de nova instauração axiológica apresentada nessa passagem se

produz através da transmutação do espírito felino para o espírito inocente, de modo que a superação do niilismo não compreende o simples encontrar novas crenças ou sentidos, mas exercer a criatividade e inocência do espírito de criança e criar sentidos e metas para si a partir da própria instabilidade característica da vontade (GUERVÓS, *O antiniilismo estético*, (2018), p. 21). A superação do niilismo é uma inflexão na história dos valores. Para compreender isso, é necessário considerar que, apesar de, segundo Heidegger em sua interpretação da filosofia de Nietzsche, a metafísica ter sido superada pela metafísica da vontade de potência, o que passa a ser o princípio norteador da moral não é mais Deus ou qualquer dualidade idealista, mas o próprio ser do ente, a vontade de potência; e o meio de efetivação do conteúdo que emana do ser do ente são a arte e a verdade, ambas enquanto avaliação.

O conteúdo moral do mundo ocidental é mantido pela forma de valoração sob perspectivas que oprimem e negam a dinâmica do viver, de sorte que o que é imputado ao ser humano não compreende a vida. Assim, o conteúdo valorado pelo Ocidente é uma carga que o ser humano é obrigado, no alijamento cultural, a carregar. De sorte que se negar essa obrigação ao dever é rugir como leão à carga imposta pela moral ocidental. Porém, vencer essa negação é requisito do processo de superação do ser humano, e essa superação, juntamente com o discurso das transmutações, constitui a última metamorfose, aquela na qual é possível o engendramento de sentidos e valores para além da carga vigente imposta pelo mundo ideal. Esses valores novos não o são apenas pela sua oposição aos antigos, mas, antes, por terem vencido a negação dos valores ressentidos depois que eles foram desvalorizados pelo niilismo.

Atravessar o niilismo é possível quando se dá o acontecimento da “morte de Deus”. O niilismo no seio da metafísica transcendente do cristianismo é um movimento da metafísica mesma, porém ela deve, então, ser superada, quando realizada a dissolução de valores que é inerente a ela; essa superação, no itinerário de superação do ser humano, compõe a atividade desse mesmo ser humano no seio da metafísica da vontade de potência.

O problema da arte está unido ao da vida. Assim, entender a arte como atividade antiniilista é considerar o próprio ser humano como arte, pois, a superação do niilismo não se produz pelo niilismo mesmo e seu contramovimento de colocar-se contra si e negar-se em vista do processo do próprio niilismo; ele se dá somente

enquanto acontecimento do niilismo no interior da metafísica mesma, a metafísica dualista criticada por Nietzsche. A superação do niilismo é uma atividade do próprio niilista que o compreende em sua plenitude, enxergando-o como parte do itinerário de superação de si. A partir do momento em que o ser humano se coloca em atividade para reconhecer a negação da metafísica como afirmação dessa vida, ele retorna a si mesmo, compreendendo a complexidade da própria vontade. “A criação de possibilidade da vontade, a partir da qual a vontade de poder se liberta pela primeira vez para si mesma, é para Nietzsche a essência da arte” (HEIDEGGER, *A sentença nietzschiana*, (2003), p. 501).

“[...] *[V]er a ciência com a óptica do artista, mas a arte, com a da vida...*” (NIETZSCHE, *O nascimento da tragédia*, (2007), p. 13, grifo do autor): a arte de que trata Nietzsche não é nenhuma produção exterior, mas o processo no qual a matéria prima é o ser humano, tornando-se então, ele próprio, não só artista, mas também obra de arte. Isso é possível na medida em que a atividade de criar para si valores é tomada a partir da vontade de potência, que tem a arte como princípio primeiro de elevação, (GUERVÓS, *O antiinilismo estético*, (2018), p. 24). Tornar-se obra de arte é a própria efetivação do eterno retorno, em que se torna o que se é a partir da aceitação da vida.

A verdade como um desses princípios primeiros da vontade de potência é o que resulta da avaliação por meio do espírito artístico que se manifesta na experiência da vida; diferindo de como pensa a tradição ocidental, que toma na metafísica a verdade enquanto um desvelamento do ser. Para Nietzsche, “[...] a verdade é o valor necessário para a vontade de poder a partir de sua essência” (HEIDEGGER, *O antiinilismo estético*, (2003), p. 501). Assim, Nietzsche nos mostra que a verdade não é em si essência, mas valor, pois ela resulta do impulso instaurador da vontade de potência que cria e valoriza. Essa necessidade da verdade enquanto valor é a garantia pela qual a vontade de elevação de poder quer, e esse querer se expressa em algo que subsiste, ou seja, naquilo que por ela é valorado.

O nome verdade não significa agora nem o desvelamento do ente, nem a adequação de um conhecimento com o objeto, nem a certeza enquanto remissão e asseguramento inteligentes do representado. Verdade é, agora, e isso em meio a uma proveniência histórico-

essencial a partir dos modos denominados sua essência, o asseguramento propiciador da constância da subsistência da ambiência [sic], a partir da qual a vontade de poder quer a si mesma (HEIDEGGER, *A sentença nietzschiana*, (2003), p. 501).

Lançar-se à criação de possibilidades de comando para a aquisição de poder é o meio no qual a vontade de potência obtém mais poder. A criação de tais possibilidades é o afastar a vontade de potência de sua condição primeira, a saber, do sem-sentido, em que o ato criador é a essência da arte, “[...] é a essência de todo querer, que abre perspectivas e as controla [...]” (HEIDEGGER, *A sentença nietzschiana*, (2003), p. 502).

Enquanto a moral é a forma reativa contra a vida, a arte é afirmadora. Com isso, a partir do que é a arte, configura-se o *amor fati*²⁴ nietzschiano. Esse conceito é a forma mais pura de afirmar a vida e dizer sim ao vir-a-ser. Com o *amor fati*, aquilo que aconteceu é configurado ao desejo daquilo que foi efetivado, ou seja, em vez do passado ter que servir à vontade, essa mesma vontade passa a compreender o passado como constituinte de seu próprio poder.

A filosofia de Nietzsche não se reduz a um emaranhado de conceitos filosóficos; ao contrário, ela é a própria autobiografia do filósofo, evidenciando que o seu pensamento filosófico não é sua primeira obra de arte, pois, esta primeira produção, formulada por meio de seus escritos, é a sua própria vida (GUERVÓS, *O antinilismo estético*, (2018), p. 24). Escreve Nietzsche em um de seus aforismos, escrito entre o verão de 1886 e a primavera de 1887, referindo-se a sua vida e à relação dela com aquilo que ele expressa em seus escritos:

Meus escritos falam apenas de minhas vivências – felizmente vivenciei muitas coisas –: estou aí de corpo de alma – para que dissimulá-lo?, *egoipissimus* (meu si mesmo mais próprio), e, quando isso vem à tona, *ego ipissimum* (meu si mesmo mais íntimo) (NIETZSCHE, *Frag. Póst.*, 1885-1887, (2013), p. 195 – 196, grifo do autor).

²⁴ Na ordem cronológica em que Nietzsche pensou os conceitos de sua filosofia, o *amor fati* precede o eterno retorno, em que exprime a vontade afirmativa acerca da necessidade dos acontecimentos como pura aceitação e impulso para vivê-los.

A vida de artista, tipificada na própria autobiografia de Nietzsche, é produto da aceitação do problema da vida e da existência como tragédia. Aceitar o destino é reconhecer a necessidade dos acontecimentos, estes, não enquanto ideia de predestinação, mas como acontecimentos resultantes do próprio devir. É aceitação do eterno retorno, da vontade perene de reafirmação de si. Nas palavras do filósofo:

Minha fórmula para a grandeza no homem é **amor fati**: não querer ter nada de diferente, nem para a frente, nem para trás, por toda a eternidade... não apenas suportar aquilo que é necessário, muito menos dissimulá-los [...], mas sim **amá-lo...** (NIETZSCHE, *Obras escolhidas: Ecce homo*, (2016), p. 381, grifo do autor).

Amor ao destino se traduz na aceitação da existência, da vida como tragédia, não apenas enquanto maneira de suportá-la, mas como querer vivê-la e, vivendo-a, intensificar seu próprio agir. O *amor fati* e o eterno retorno constituem uma relação que possibilita a superação do niilismo, e isso se dá pelo reconhecimento das forças constituintes da existência, as quais necessitam ser sempre reconhecidas, afirmadas e vividas em perene retorno a elas mesmas.

Desse modo, percebemos uma condução da história sob um prisma novo, este instaurador, fortificador e intensificador da vida e dos sentidos. A crítica dos valores colocou o ser humano diante do niilismo, em que na ausência de sentido aceita sua carência como parte da própria vida. Porém, faz-se necessário o último passo determinante da vontade de potência; aniquilado o valor dos valores do mundo ocidental, superado o niilismo e aceita a vida terrena, a partir de agora, a transvaloração de todos os valores, que constitui, não uma mera mudança de moral, mas a estruturação de um novo alicerce para os valores, que é a vontade de potência – quando, então, esses valores passam a ser alimentados não mais pelas estruturas transcendentais da metafísica, agora desmoronadas, mas pela afirmação da vida e do devir.

2.3. A TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES

A função exercida pela transvaloração dos valores em Nietzsche atravessa o desmonte da cultura ocidental, em que, com a destruição à martelada do valor erigido como parâmetro para criação e avaliação dos valores, essa cultura avança rumo ao niilismo. Porém, a análise da transvaloração dos valores não se esgota no niilismo, mas assume, com o eterno retorno do mesmo e a vontade de potência, a atividade de criar valores, não mais sob a lógica da catástrofe, e sim como afirmação incondicional da arte e do devir, superando, com isso, o próprio niilismo.

A superação do niilismo é passo determinante para se pensar o engendramento de valores para além da moral, moral essa que, em si, carrega tanto a negação ocasionada pelo movimento do niilismo no interior dos valores ocidentais quanto a suspensão dessa negação diante da desvalorização dos valores. A superação do niilismo se produz como fuga do desespero que nega o todo, de modo que, a partir da vontade de potência e de sua inerente faculdade de avaliar e instaurar valores, na experiência do viver se engendra para si sentidos autenticamente humanos, demasiado humanos.

A transvaloração dos valores compõe o pensamento filosófico de Nietzsche em sua fase madura, transvaloração essa que tomamos como objeto de estudo a partir do anúncio de Zarathustra. Na obra *Assim falava Zarathustra*, Nietzsche apresenta a desvalorização dos valores e a morte de Deus como condição para que o ser humano seja mestre do eterno retorno e, conseqüentemente, superando a si mesmo, transvalore os valores. Concernente a isso:

Dando-se conta da morte de Deus, suprime o solo mesmo a partir do qual se punham os valores. Perfaz assim a *travessia do niilismo*, indispensável ao projeto de transvaloração, para chegar a um dionisíaco dizer-sim ao mundo (MARTON, *Nietzsche e a arte de decifrar* (2014), p. 120, grifo nosso).

Assim, percebemos que a transvaloração é uma possibilidade que se coloca frente à tomada de conhecimento do acontecimento que é a morte de Deus, como

também a superação do niilismo. Desse modo, podemos melhor compreender a alusão de Zaratustra de que “*Mortos estão todos os deuses: agora queremos que viva super-homem*” (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, (2018), p. 75, grifo do autor). Esse super-homem é o ser humano que supera a si mesmo, extirpando toda concepção que o reduza ao conceito de sujeito dotado de propriedades fixas como características determinadas, ou o “Eu”, esse que, em si mesmo, é um todo, uma unidade perfeitamente idêntica a si. O super-homem é aquele no qual se configura a própria subversão da cultura do ocidental (MARTON, *O eterno retorno do mesmo*, (2016), p. 16), assim,

Até agora foi o homem, concebido enquanto criatura em relação a um Criador, quem avaliou e, como fruto de sua avaliação, estabeleceu valores que desvalorizam a Terra, depreciam a vida, desprezam o corpo. É preciso, pois, combater esses valores, para que surjam outros. Tornando-se criatura e criador de si mesmo, o além-do-homem [leia-se: super-homem] prezará os valores em consonância com a Terra, com a vida e com o corpo (MARTON, *O eterno retorno do mesmo* (2016), p. 16).

Desse modo, Zaratustra, ao anunciar para o povo a necessidade de ser fiéis à vida na terra, concomitantemente convida todo esse povo a volver os olhos para os valores fundados a partir daquilo que caracteriza o devir. Isso configura a superação do niilismo, na qual o todo é negado, e afirma a vida em todas as suas condições. Nietzsche, tomando sua vida como obra de arte e, simultaneamente, a pessoa de Zaratustra, se coloca como mestre no dizer sim ao mundo em sua própria complexidade e inconstância. Isso é possível no momento em que o ser humano aceita a necessidade dos acontecimentos tais como eles vêm a ser na linha da imprevisibilidade da existência e das coisas.

Nietzsche, em um fragmento datado de 1888, expressa como sua vida é um completo sim à terra, à existência, ao mundo. Isso se produz por meio daquilo que compreende o conceito de *amor fati*, conceito que, traduzido em amor ao destino²⁵, é

²⁵A palavra destino compreendida no conceito de *Amor fati* está completamente desvinculada de qualquer dependência dos fatos a uma ordem superior e necessária, ela foge conceitualmente da concepção costumeira de destino limitada à compreensão de necessidade de acontecimentos estabelecidos previamente.

um pleno ecoar do sim ao desdobramento do vir-a-ser. Expressa o filósofo no fragmento supramencionado:

[...] filosofia experimental, como a vivo, antecipa à guisa de ensaio a possibilidade do niilismo fundamental: sem que se estivesse dizendo, com isso, junto a uma vontade de não. Ao contrário, ela quer muito mais atravessar – até um *dizer sim* dionisíaco ao mundo, tal como ele é, sem subtração, exceção e escolha -, ela quer o eterno movimento circular – as mesmas coisas, a mesma lógica e falta de lógica dos nós. Estado mais elevado que um filósofo pode alcançar: encontrar-se dionisiacamente postado em relação à existência -: minha fórmula para isso é *amor fati*... (NIETZSCHE, *Frag. Póst.*, 1885-1887, (2013), p. 441, grifo do autor).

As condições do modo de viver do artista que faz da vida sua obra de arte apontam para a nova instauração de valores. *Amor fati* é o querer, o desejar, o antagonismo característico do devir que, na medida em que não há fim nem meta, retorna infinitamente ao que é, a saber, essa perpétua tensão que configura o ser do homem e, conseqüentemente, a vontade de potência. Dizer sim aos acontecimentos do mundo é o grito de Dionísio, que toma para si os acontecimentos como desdobramento das relações de forças. Desse modo, esse círculo caracterizado pelo eterno retorno do mesmo desenha a própria vontade de potência, que é o impulso a esse embate de forças que engendra, a partir desse mesmo embate, valores e sentidos.

A filosofia de Nietzsche, formulada em suas obras, é esse sim ao mundo, sim à vida, assim como Zaratustra, pois seu convite, como mestre do eterno retorno, passa rigorosamente pela aceitação da realidade e do destino como desvelamento do combate eterno das forças constituintes do devir. É a partir desse reconhecimento que o projeto transvalorativo de Nietzsche se desdobra, a saber, pela restituição da inocência do vir-a-ser (MARTON, *Nietzsche e a arte de decifrar*, (2014), p.125) que, despojada das avaliações feitas pelo ser humano das coisas tais como acontecem, instaura os sentidos e engendra valores para si por meio de suas próprias avaliações.

Assim como anteriormente a vida foi desprezada por uma idealização extramundana, a vida, agora pensada dentro do itinerário que passa pelo super-homem se coloca paralela à afirmação daquilo que foi reprimido pela moral dos

valores absolutos. A possibilidade da transvaloração dos valores se produz pelo conhecimento da morte de Deus, pois os valores supremos foram depositados no mundo supracosmético, de sorte que uma nova instauração axiológica requer não só que esses antigos valores sejam extirpados, mas também a própria instância em que residem; é dessa maneira que o ser humano supera a si mesmo; é esse o sentido dessa terra, haja vista ter sido aniquilada toda força vinculativa para além do que é terreno. Como é Deus a figura sobre a qual se mantém o equilíbrio de todo o mundo supracosmético, é necessário que ele seja destronado, para que a nova instauração de valores possa ser efetivada, esta regida pela afirmação das forças e o reconhecimento das condições terrestres.

Pensar a instauração de valores novos é efetivar o que foi proposto por Zaratustra, de modo que o volver os olhos à terra, é atravessar o niilismo e pôr-se frente às novas avaliações do valor. No retorno de Zaratustra de seu êxodo, no diálogo com o ancião que residia na floresta desde a época em que havia iniciado sua vida nas montanhas, percebemos que seu anúncio está para além das concepções que o velho ancião demonstrou ter, de sorte que aqui se destaca um aspecto importante, a saber, o de que aquilo que ele anunciou atravessa o niilismo: a morte de Deus, a dualidade de mundos, conseqüentemente, as próprias concepções de seu tempo. “[...] quando Zaratustra se achou só, assim falou para seu coração: ‘Como será possível? Este velho santo, na sua floresta, ainda não sabe que *Deus está morto!*’” (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, (2018), p. 12, grifo do autor). A superação do ser humano, como também a transvaloração axiológica, é o reerguimento, não do desmonte efetivado com a morte de Deus, mas da afirmação da vida enquanto tragédia. Ainda no diálogo com o ancião, é anunciado a distinção do discurso de Zaratustra em relação ao público ao qual eram dirigidas suas palavras: “Respondeu Zaratustra: ‘Eu amo os homens’” (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, (2018), p. 11), de modo que, em resposta, por meio da réplica do ancião, é percebida a mentalidade daqueles aos quais o anúncio de Zaratustra é dirigido: “[a]gora amo a Deus: os homens já não amo” (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, (2018), p. 11), evidenciando que ainda o amor ao mundo está além daquilo tomado para si por eles, impossibilitando a imediata transvaloração dos valores e sentidos, contribuindo para o desdobramento do niilismo nos séculos posteriores.

Em *Dos desprezadores do corpo*, Zaratustra, denunciando aqueles que desprezam o corpo no enaltecimento do Eu, diante da redução do corpo frente ao poder que a consciência desse Eu tem, acaba por afirmar a impossibilidade de criar e superar-se, do que resulta o desprezo pelas coisas terrenas, por serem efêmeras e inconstantes, inviabilizando, com isso, o surgimento do super-homem. Nas palavras de Zaratustra:

Vosso Si-mesmo quer perecer, e por isso vos tornastes desprezadores do corpo! Pois não mais sois capazes de criar para além de vós. E por isso vos irritais agora com a vida e a terra. Há uma inconsciente inveja no oblíquo olhar do vosso desprezo. Não seguirei vosso caminho, desprezadores do corpo! Não sois, para mim, pontes para o super-homem! (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, (2018), p. 34).

Zaratustra é aquele que em sua vida viveu momentos transitórios da existência, com a finalidade de superar a si mesmo, atravessando a morte de Deus e a negação que essa morte implica, com o intento de engendrar pra si o quadro axiológico para além da moral, por meio da avaliação que cria os valores. Tal processo se produz pela vontade de potência, que é o próprio impulso de conservação e elevação da potência e, conseqüentemente, princípio da instauração dos valores. Diz Nietzsche na *genealogia da moral*:

Esse homem do futuro, que nos salvará não só do ideal vigente, como daquilo que *dele forçosamente nasceria*, do grande nojo, da vontade de nada, do niilismo, esse toque de sino do meio-dia e da grande decisão que torna novamente livre a vontade, que devolve à terra sua finalidade e ao homem sua esperança, esse anticristão e antiniilista, esse vencedor de Deus e do nada – *ele tem que vir um dia...*²⁵. – Mas que estou eu a dizer? Basta! Basta! Neste ponto não devo senão calar: caso contrário estaria me arrogando o que somente a um mais jovem se consente, a um ‘mais futuro’, um mais forte do que eu – o que tão só a Zaratustra consente, a *Zaratustra, o ateu...* (NIETZSCHE, *A genealogia da moral*, (2009), p. 78 – 79, grifo do autor).

A nova instauração de valores é a determinação da vontade sobre a própria vida, vida essa não tomada meramente através do impulso de conservação, mas de

um querer elevar-se e, com esse elevar-se, conquistar mais potência; ela é, pois, o que caracteriza a vontade e, conseqüentemente, a vida. “Partindo de uma representação da vida (que não é um querer-se-conservar, mas um *querer-crescer*), dei uma olhada nos instintos fundamentais [...]” (NIETZSCHE, *Frag. Póst., 1885-1887* (2013), p. 129, grifo do autor). Retomando a análise anterior, Nietzsche, discorre sobre os instintos fundamentais e afirma a necessidade da inversão dos valores, enxergando esse processo como passo determinante para o aflorar do espírito livre e, ao mesmo tempo, do espírito artístico. Isso é o que Nietzsche aponta como importante diante do problema da vida,

de que é necessário realizar algum dia uma inversão do olhar, a fim de trazer à luz o *preconceito da moral* e de todos os ideais populares: para o que podem ser usados todos os tipos de “espírito livre” – isto é, imorais (NIETZSCHE, *Frag. Póst., 1885-1887*, (2013), p. 129, grifo do autor).

Desse modo, a transvaloração é a criação de valores sob o novo alicerce da cultura ocidental, transvaloração esta que inverte a maneira na qual os valores são erigidos. Para tanto, através da mente contravalorativa²⁶, Nietzsche se dedica à superação da civilização ocidental, caracterizada pelo racionalismo e o desprezo do corpo como resquícios da doutrina cristã. Essa superação passa pela crítica valorativa do mundo ocidental como também pela negação da negação dos valores, como ponte para uma nova instauração do valor, de sorte que, apossando-se do leme da história com intenção de engendrar os novos valores, afirma Nietzsche:

Transvaloração de todos os valores: esta é a minha fórmula para um ato supremo de autoconscientização da humanidade, que se tornou gênio dentro de mim. Meu fardo que eu seja o primeiro homem **decente**, que eu me saiba a antítese contra a mentira de milênios... Só eu é que **descobri** a verdade, pelo fato de eu ter sido o primeiro a sentir – **farejar** – que a mentira era mentira... meu gênio está em minhas narinas... Eu contradigo conforme jamais foi contradito e ainda

²⁶ Como sabido, os valores os quais Nietzsche se contrapõe são aqueles defendidos pelo cristianismo, esse baseado naquele racionalismo platônico, o qual rejeita toda sensibilidade do mundo. Na linguagem senhor e escravo do filósofo, essa tradição abraça a resignação dos serventes em vez da afirmação de si dos senhores, a oposição de Nietzsche caracteriza sua posição contravalorativa.

assim sou a antítese de um espírito negador (NIETZSCHE, *Obras escolhidas: Ecce Homo*, (2016), p. 444 – 445, grifo do autor).

Em *Por que sou um destino*, Nietzsche assume a função transvalorativa, autoincumbindo-se de reinstituir a tradição moral do mundo ocidental. A inversão feita por ele se produz a partir da mudança do sujeito determinante dos valores, de sorte que o impulso criador dos valores passa a ser o reconhecimento da vontade de potência. Inverter a interpretação axiológica do mundo é parte da nova organização moral, que toma o super-homem como sentido da terra²⁷. Assim, o sujeito da transvaloração da moral é o ser humano que superou o niilismo, tendo em vista que “[...] negar e **aniquilar** são condições no ato de afirmar [...]” (NIETZSCHE, *Obras escolhidas: Ecce Homo*, (2016), p. 447, grifo do autor).

A criação de novos valores é a resposta à morte de Deus, de modo que esse referencial passa a ser substituído pelas avaliações do valor que correspondem à dinâmica do viver do ser humano. O ato criador de valores é efetivado pelo espírito de artista que caracteriza a terceira transmutação, aquela em criança, em que os valores novos são resultado da valoração a partir da vontade de potência.

A passagem da consciência aos instintos é a inflexão de Nietzsche diante da metafísica, de sorte que por meio dela se desenha o percurso para a afirmação do mundo. Com a negação da harmonização platônica das ideias, a consciência não mais é a dominadora dos instintos e constitui apenas um dos mecanismos de intensificação da vida (NIETZSCHE, *Frag. Pós., 1885-1887*, (2013), p. 440). O perspectivismo dos instintos produz a negação da verdade, pois, os sentidos criados para a vida não estão fixados sob um parâmetro único e indivisível, resultante do fato de o devir ser constituído por forças que combatem entre si.

Até o ponto em que a palavra “conhecimento” tem sentido, o mundo é passível de ser conhecido: mas ele é *interpretável de outro modo*, ele

²⁷ Zaratustra no retorno de seu êxodo pressupõe que a metafísica já tenha sido desacreditada enquanto fundamento do agir e da cultura, basta ver seu diálogo com o ancião da floresta no início da obra. Desse modo, no que toca a base da ação do mundo ocidental, não mais se deve esperar a intervenção celeste, que caracteriza o homem velho, mas assumir a existência terrestre e para si engendrar seus próprios valores de acordo com a vontade de expansão de suas forças, caracterizando então o super-homem, esse que é colocado por Zaratustra como sendo o sentido do seu próprio ser (NIETZSCHE, 2018, p. 20) como também da terra (NIETZSCHE, 2018, p. 13).

não possui nenhum sentido por detrás de si, mas infinitos sentidos: “perspectivismo” (NIETZSCHE, *Frag. Pós.*, 1885-1887, (2013), p. 263, grifo do autor).

Dado que a transvaloração dos valores não é a substituição de valores, mas a mudança do próprio alicerce das avaliações, aqueles sentidos transvalorados não correspondem então à consciência, à razão ou às ideias, mas ao próprio espírito de criação que se contrapõe à moral de rebanho. O projeto de transvaloração da moral não é uma mera troca de valores sobre um mesmo alicerce, mas uma inversão do valor dos valores, do motor valorativo. Nisso se constitui a afirmação da vida. A cultura e a moral não mais estarão pautadas à luz metafísica, esta vencida, nem tampouco sob o desespero causado pelo nada de essência, mas pela afirmação da vida, pela vontade de potência através de novas avaliações.

Avaliar significa: perfazer e fixar valor. A vontade de poder avalia, conquanto perfaz as condições de elevação e torna fixas as condições de conservação. Segundo a sua essência, a vontade de poder é a vontade instauradora de valores. Os valores são as condições de conservação-elevação no interior do ser do ente. A vontade de poder é, logo que se manifesta expressamente em sua essência pura, ela mesma o fundamento e o âmbito de instauração de valores. A vontade de poder não possui o seu fundamento em um sentimento de falta, mas ela mesma é o fundamento de uma vida superabundante. Vida significa aqui a vontade de vontade. “*Vivente*”: isso já significa ‘avaliar’ (HEIDEGGER, *A sentença nietzschiana*, (2003), p. 498, grifo do autor).

Considerar, na metafísica da vontade de potência, o ser enquanto vontade de potência, no interior do ente é o mesmo que afirmar esse mesmo ente como instaurador do valor. É desse modo que o ser humano enquanto obra de arte se assemelha àquela criança que corresponde à terceira transmutação, criança à qual é inerente a criatividade de criar seus próprios sentidos como consequência de sua inocência. Tal inocência é retomada mais uma vez por Zaratustra em outro de seus discursos, este intitulado *Do imaculado conhecimento*. Dirigindo-se àqueles que, apesar de amarem tudo quanto é terreno, se privam desse sentimento e passam a condená-lo com a intenção de obter uma vida sublime em relação à terra, uma vida

que o autor identifica como regida por uma vontade morta, Zaratustra anuncia que a inocência é qualidade da vontade, não daquela vontade morta, mas da que impulsiona à instauração de valores (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, (2018), p. 117 – 118). Nas palavras do filósofo: “Onde está a inocência? Onde há vontade de gerar. E quem quer criar para além de si, tem para mim a vontade mais pura” (NIETZSCHE, *Assim falou Zaratustra*, (2018), p. 118).

O anseio de Nietzsche, longe de se deter unicamente na negação, assume um caráter transvalorativo e, conseqüentemente, construtivo. Tendo colocado sob suspeita todo o pensamento ocidental, acusando sua origem no pensamento idealista de Platão, ele, que filosofa com martelo, leva a cabo seu amor para com os seres humanos e busca no fazer a experiência da vida o próprio parâmetro da criação de valores. Nessa perspectiva, em palavras objetivas, diz o filósofo: “[v]aloração própria quer dizer: medir uma coisa conforme o prazer ou o desprazer que causa justamente de nós e a ninguém mais – algo bastante raro! – [...]” (NIETZSCHE, *Aurora*, (2016), p. 70, grifo do autor), ou seja, esse processo é caracterizado por meio da avaliação.

A transvaloração da moral constitui, assim, a superação do ser humano ressentido que pauta seus valores sob o cristianismo e seu ascetismo através da inversão do quadro axiológico erigido no mundo ocidental. Com isso, o ser humano liberto da vontade do nada, tendo já concebido a superação e a afirmação do mundo e da vida tipificada em Zaratustra, alcançada a afirmação do eterno passar como forma de retorno ao reconhecimento da vontade enquanto expressão da vida, engendra os novos preceitos morais. Em síntese, a transvaloração é um movimento da vontade de potência, o qual só é possível na medida em que é precedido pelo niilismo que, pensado até a desvalorização dos supremos valores, é superado e possibilita a criação de novos, através das avaliações do valor.

CONCLUSÃO

O caráter experimentalista da filosofia de Nietzsche é chave para a compreensão de seu projeto filosófico, por meio da não necessidade do ser se efetivar. Ela é, antes, um meio para a superação do ser humano através da história dos valores, que se produz no ultrapassamento dos valores niilistas, ao inverter o parâmetro das avaliações de que resultam os valores.

A contingente efetivação do niilismo permite ao niilismo ser a fonte de valores e metas, como aconteceu durante o curso da história dos valores ocidentais através do ressentimento, como também através da desvalorização desses valores e metas. No mundo ocidental, o niilismo se produziu a partir da gênese dos valores e, por meio da negação desses mesmos valores, constituiu a lógica de sua dissolução, que é regida pela *décadance*.

O aniquilamento dos valores do mundo ocidental é parte do itinerário filosófico de Nietzsche, que, por se produzir como negação do mundo, alicerça na instância metafísica a totalidade do real e condena ao caráter de falsidade o mundo terrestre. Desse modo, para inverter o parâmetro de avaliação, é necessário negar os valores que regem o mundo ocidental, fazendo com que sejam aniquiladas as metas que antes eram sustentadas pela metafísica.

Assim, no projeto transvalorativo da filosofia de Nietzsche, negar os valores não se resume na mudança de valores, mas em inverter as avaliações que criam os valores, os sentidos e as metas erigidas em toda história dos valores do mundo ocidental. Para tanto, é preciso que o niilismo atue como contramovimento no interior da própria metafísica, por meio da descrença nas categorias da razão, as quais criam a dualidade entre mundo perfeito e imperfeito, real e falso, superestimando o mundo ideal, metafísico, e desqualificando o mundo terrestre como imperfeito e falso. Rejeitar a crença nas categorias da razão é eliminar a dualidade criada na história do mundo ocidental, que condena o mundo terrestre em função da perfeição ideal do mundo metafísico e aniquila os sentidos que corroem o todo da única realidade existente.

Nessa discussão, a morte de deus é a sentença na qual se efetiva o aniquilamento da instância metafísica. Negar deus é também negar toda inteligência

da razão que resulta em necessidade psicológica, seja em busca de um sentido universal, seja de uma totalidade sistematizadora ou algum mundo perfeito. Deus é o designativo sobre o qual se sustenta a dualidade de mundos criada por meio de necessidades psicológicas, de sorte que sua morte representa a negação, não de uma entidade divina, mas do próprio mundo metafísico em que estão depositados os valores do Ocidente.

Após a queda dos supremos e absolutos valores morais do mundo ocidental, em decorrência da morte de deus, o ser humano se encontra despojada de todo sentido que permite definir a existência; faz-se, então, necessário superar o niilismo, em vista de efetivar a transvaloração dos valores, ou seja, nas palavras de Nietzsche: “[o] sentido do devir precisa ser preenchido, alcançado, consumado a cada instante” (*Frag. Póst.*, 1887-1889, (2012), p. 30), de modo que após a morte de deus e a derrocada dos valores sustentados sobre sua ideia, o ser humano, no processo de superação de si, tem a tarefa de superar o niilismo para que os valores criados após a morte de deus não se deixem moldar por nenhuma forma de negação da realidade, como observa Nietzsche, “[...] porque o niilismo é a lógica pensada até o fim de nossos grandes valores e ideais [...]” (NIETZSCHE, *Frag. Póst.*, 1887-1889, (2012), p. 175).

A atividade transvalorativa da filosofia de nietzschiana se produz através da vontade de potência. O reconhecimento da vontade de potência enquanto princípio instaurador de valores, através do retorno ao que se é no interior da dinâmica do viver esboçado pelo conceito de vontade de potência, possibilita ao devir ser reconhecido a partir de sua própria instabilidade e da não necessidade de ser. Esse processo toma o mundo das coisas como realidade única, no qual as avaliações e valores desse mesmo processo estarão sustentados.

Reconhecer o mundo como ele é requer do ser humano a aceitação de como os acontecimentos vêm a se produzir no curso do tempo. A essa definição, Nietzsche atribui o conceito de *amor fati*. No amor ao destino, o niilismo enquanto dissolução do mundo é superado através do próprio exercício do eterno retorno, até o reconhecimento do mundo a partir de suas tensões próprias, as quais tornam inaplicáveis qualquer sentido que enrijeça o caráter plástico do mundo e da dinâmica do viver.

Por fim, concluímos que o niilismo exerce função basilar no desmonte dos valores construídos pela cultura do mundo ocidental; assim como a superação do niilismo é o requisito indispensável para a efetivação do plano transvalorativo da filosofia nietzschiana de inversão dos valores.

REFERÊNCIAS

GIACOIA, Oswaldo. **Nietzsche: o humano como memória e como promessa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GUERVÓS, Luis Enrique de Santiago. O antiniilismo estético e a superação do niilismo. **Cadernos Nietzsche**. Guarulhos/Porto Seguro, 2018.

HEIDEGGER, Martin. A sentença nietzschiana “Deus está morto”. Tradução de Marco Casanova. **Natureza humana**. São Paulo, SP: 2003.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

MARTON, Scarlett (org.). **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Edições Loyola, 2016. (Sendas e veredas).

MARTON, Scarlett. **Nietzsche e a arte de decifrar enigmas: treze conferências europeias**. São Paulo: Edições Loyola, 2014. (Coleção Sendas e Veredas).

MARTON, Scarlett. O eterno retorno do mesmo, “a concepção básica de *Zaratustra*”. **Cadernos Nietzsche**. Guarulhos/Porto Seguro, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. 1. ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora: Reflexões sobre os preconceitos morais**. 1. ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. 1. ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo.** Trad. Jorge Luiz Viesenteiner. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Fragmentos póstumos 1885-1887.** In: KSA VI. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

NIETZSCHE, Friedrich. **Fragmentos póstumos 1887-1889.** In: KSA VII. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, demasiado humano: um livro para espírito livres.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Nietzsche: obras escolhidas.** Trad. Renato Zwick, Marcelo Backes. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **O caso Wagner: um problema para músicos; Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo.** Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia.** Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.